



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

CAMILA DE PARIS

**ESSE É MEU JEITO NINJA? UMA INTERPRETAÇÃO SOCIOLÓGICA DA
ESCOLA NINJA NO MANGÁ NARUTO ATRAVÉS DA TEORIA DE PIERRE
BOURDIEU**

ERECHIM

2019

CAMILA DE PARIS

**ESSE É MEU JEITO NINJA? UMA INTERPRETAÇÃO SOCIOLÓGICA DA
ESCOLA NINJA NO MANGÁ NARUTO ATRAVÉS DA TEORIA DE PIERRE
BOURDIEU**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação
apresentado como requisito para obtenção de grau
de Licenciada em Ciências Sociais da Universidade
Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Giora

ERECHIM
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

ERS 135 – Km 72, 200,
Caixa Postal 764
CEP 99700-970
Telefone (54) 3321 7050
Erechim – RS
Brasil

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Paris, Camila de

Esse é meu jeito ninja? Uma interpretação sociológica da escola ninja no mangá Naruto através da teoria de Pierre Bourdieu / Camila de Paris. -- 2019.

76 f.

Orientador: Doutor Gustavo Giora.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Ciências Sociais-Licenciatura, Erechim, RS, 2019.

1. Naruto. 2. Habitus. 3. Reprodução. 4. Escola. 5.
Violência Simbólica. I. Giora, Gustavo, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

CAMILA DE PARIS

ESSE É MEU JEITO NINJA? UMA INTERPRETAÇÃO SOCIOLÓGICA DA ESCOLA NINJA NO MANGÁ NARUTO ATRAVÉS DA TEORIA DE PIERRE BOURDIEU

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciada em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Giora

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

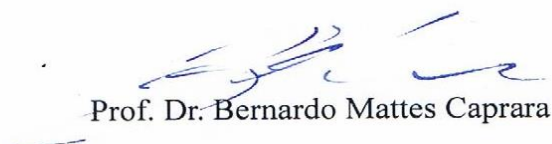
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Gustavo Giora



Prof. Dr. Daniel Francisco de Bem



Prof. Dr. Bernardo Mattes Caprara

Dedico a Ana Julia, que me fez perceber que a imaginação muitas vezes não é aceita, mas como a inocência de uma criança, nunca devemos mudar nosso jeito de ser.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha Vó Delesia, que mesmo não estando nesse mundo, sinto que sempre está ao meu lado me protegendo e cuidando de mim.

Agradeço a minha mãe e meu pai, por sempre incentivar meus estudos, por abdicar do que fosse necessário para investir na conquista dos meus sonhos, por permanecerem ao meu lado em todos os momentos da minha vida e pelo orgulho que sempre demonstram por sua filha cursar Ciências Sociais.

Agradeço ao meu companheiro Pedro Henrique, por me dar colo nas vezes que desabei achando que não seria capaz, mas tinha ele ao meu lado para me incentivar e falar que sim, eu era capaz, inteligente e que iria conseguir, gratidão por sempre ser meu porto seguro.

Agradeço aos meus amigos Darlan, Ana e Suelen pela compreensão pelas vezes que não pude estar com eles porque tinha que fazer o TCC, e quando estive não parava de falar de TCC.

Agradeço também aos meus amigos Emily, Luciana e Maikon meus parceiros de sofrer pelo TCC, e ao mesmo tempo auxiliar um ao outro, ainda mais com a frase: “Eu também ainda não terminei”, no universo acadêmico não há frase mais confortante.

Agradeço ao meu orientador Professor Gustavo pela paciência, compreensão e por toda a ajuda na busca de que eu conseguisse defender esse trabalho, espero que não se arrependa professor.

Agradeço ao Professor Clóvis, por ter acreditado em mim, na minha proposta de trabalho, por todo seu auxílio e orientações mesmo longe, eu nunca teria conseguido sem você Professor.

Agradeço a Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim, pela possibilidade de estudar em uma instituição pública, popular e de qualidade, bem como a todos os professores e professoras que fizeram parte da minha trajetória enquanto graduanda.

Agradeço aos Professores Bernado Caprara e Daniel Francisco de Bem que fizeram parte da banca de defesa da minha pesquisa, e trouxeram considerações significativas pra meu trabalho.

Agradeço por ter tido o privilégio de ter sido bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID – Ciências Sociais), que me proporcionou aprendizados significantes para minha formação em licenciatura, assim como do Programa de Residência Pedagógica que viabilizou aprendizagens importantes para meu exercício docente, ambos programas importantes da CAPES que permitem aos graduandos de licenciatura ter o contato com a sala de aula. Bem como o Programa de Extensão Saber e Práticas Sociológicas - Projeto Oficina Democracia e Representação Política na Escola, que participei como bolsista voluntária, me possibilitando expressivos ensinamentos para minha formação.

E por fim, mas não menos importante, agradeço aos meus gatos Taz, Mingau, Toph, Boruto e Himawari, pois foram sempre meus companheiros nas manhãs, tardes e noites que passei desenvolvendo esse trabalho, e serviram de acalento para minhas crises de ansiedade.

“O mangá é uma das artes mais primorosas, que utiliza um humor inabalável e técnicas de desenho para influenciar vidas, retratar a sociedade e mostrar o ser humano de forma nua e crua.”

Osamu Tezuka

RESUMO

Essa pesquisa tem por objetivo interpretar a ação pedagógica contida na escola ninja do mangá Naruto como uma instituição social que tem por atribuição produzir o habitus social do estudante. Para isso, será utilizado a obra “A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino” do sociólogo Pierre Bourdieu escrita em parceria com Jean-Claude Passeron. A metodologia utilizada foi a análise de discurso, onde foram analisados 21 capítulos da primeira parte do mangá Naruto, optando-se por este recorte por retratar o ingresso na escola e o processo de socialização dos personagens em suas trajetórias como estudantes ninjas. A partir da análise foi verificado como a ação pedagógica empreendida pelos professores na escola é reprodutora das relações de poder. Toma-se um discurso dominante que é disseminado por meio da imposição e da ocultação, e violência simbólica que é imperceptível aos olhos dos agentes. Como resultados, observamos que a escola ninja é um espaço de reprodução de estruturas sociais, que reproduz e reforça as desigualdades sociais, dominada pelo habitus do guerreiro incorporando a estrutura social no modo de ser, perceber, pensar e agir dos seus personagens de tal forma que eles reproduzem essa estrutura inconscientemente. Dessa maneira, compreendemos que a análise do mangá Naruto a partir dos conceitos descritos pelos autores representa um exercício sociológico que permite usar de um objeto empírico para transformá-lo em um objeto de estudo sociológico, permitindo que o conhecimento científico ultrapassasse a barreira dos muros da academia possibilitando seu acesso, e sobretudo sua compreensão para a sociedade de um modo mais amplo.

Palavras-chave: Naruto. Habitus. Reprodução. Escola. Violência Simbólica.

LISTA DE ABREVIATURAS

AP: ação pedagógica

Aup: autoridade pedagógica

TP: trabalho pedagógico

AuE: autoridade escolar

SE: sistema de ensino

TE: trabalho escolar

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. SOCIOLOGIA DA HISTÓRIA EM QUADRINHOS	14
1.1 SOCIOLOGIA E MANGÁ.....	17
1.1.1 A hierarquia social dos objetos de estudo	22
2. EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA DE PIERRE BOURDIEU	26
2.1 BOURDIEU E A REPRODUÇÃO SOCIAL	32
3. NARUTO	40
4. METODOLOGIA DE PESQUISA	46
5. A ESCOLA NINJA DE NARUTO E A REPRODUÇÃO SOCIAL DE PIERRE BOURDIEU	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS.....	70
GLOSSÁRIO.....	75
APÊNDICE A – Quadro dos capítulos do mangá Naruto utilizados para a pesquisa.....	76

INTRODUÇÃO

Pierre Bourdieu é um dos pensadores mais influentes das ciências humanas do século XX, sobretudo na área da educação nas sociedades modernas. Nas concepções do autor sobre a educação, traz relevantes aspectos sobre a relação entre o desempenho escolar e a herança familiar, principalmente quanto ao capital cultural, bem como o papel da escola na reprodução e legitimação das desigualdades sociais.

Por meio da obra “A Reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino”, escrita por Pierre Bourdieu em parceria com Jean-Claude Passeron, os autores analisaram o sistema de ensino francês da década de 1960, onde demonstram os mecanismos pedagógicos que efetivam a reprodução da estrutura de classes, onde a escola é marcada pela violência simbólica. Deste modo, a produção teórica da obra trouxe à tona um outro olhar para a educação, impactando o pensamento educacional.

Neste sentido, pensando nas formulações teóricas de Pierre Bourdieu que servem como parâmetro e referência na ampla possibilidade de pesquisar diferentes contextos e objetos de pesquisa, é que decidi por fazer a presente pesquisa utilizando de sua teoria para analisar a escola ninja do mangá Naruto.

Ao longo das últimas décadas nossa sociedade vem passando por constantes transformações resultante do novo padrão tecnológico e de consumo existentes. A velocidade das relações ocorre de forma intensa, possibilitando o encurtamento das distâncias e o contato entre diferentes culturas.

Dentro desse contexto, observa-se os mangás e animes japoneses como meios difusores da cultura japonesa, e um dos principais meios de expressão da arte e cultura nipônica no Ocidente.

Conforme Santoni (2017), a partir da década de 1960 os mangás estão presentes no país, bem como o Brasil, é o primeiro país a produzir mangás fora do Japão, elaborados a partir de 1962 por desenhistas descendentes de japoneses.

Através da adaptação dos mangás para animes, que começaram a ser exibidos na TV aberta brasileira nos anos de 1990 e 2000, essas mídias começam a ganhar maior fama no país, e com o advento da internet assegurou a propagação dos mangás e animes ao possibilitar facilmente seu acesso.

Santoni (2017), ainda expõe que no Brasil os animes e mangás estão bastante difundidos, conquistando cada vez mais apreciadores, ocorrendo eventos como o Anime Friends que ocorre anualmente em São Paulo desde 2003 e reúne um público de aproximadamente 120 mil pessoas.

Neste viés Franco (2007), vai ressaltar que os mangás e animes são um fenômeno cultural, carregados de ideologias, valores, símbolos e significações dos modos de pensar, sentir e ser dos japoneses, ocorrendo um processo de aculturação nos brasileiros capaz de mudar valores e visões de mundo.

Nesta perspectiva, observa-se a relevância de estudos que busquem analisar essas mídias objetivando investigar suas ideologias, contextos históricos e sociais.

A vista disso, que ocorreu a escolha de através da teoria de Pierre Bourdieu, analisar a escola ninja do mangá Naruto, visto que Naruto é um dos mangás mais populares entre os brasileiros, assim como a minha familiarização com esse mangá em específico, onde já o utilizo em outros projetos, como ferramenta pedagógica para trabalhar os conceitos de mito e cultura em sala de aula.

O mangá Naruto foi escrito e ilustrado por Masashi Kishimoto, publicado durante 15 anos, de 1994 a 2014, com o total de 700 capítulos compilados em 72 volumes. No Brasil, o mangá Naruto é publicado desde 2007 pela editora italiana Panini Comics, vendido em bancas ou por assinatura e conta com fácil acesso através de sites de mangás na internet.

A presente pesquisa está fundamentada em proporções qualitativas, utilizando a técnica de análise de discurso. Para o desenvolvimento de análise são utilizados 20 capítulos da primeira parte do mangá Naruto, buscando interpretá-los através da teoria de Pierre Bourdieu por meio de sua obra "A Reprodução", escrita com a colaboração de Jean-Claude Passeron.

A estrutura do trabalho está dividida em cinco capítulos. O primeiro capítulo apresenta a sociologia das histórias em quadrinhos, buscando mostrar a abordagem das histórias em quadrinhos a partir da perspectiva sociológica, contendo dois subcapítulos que buscam expor brevemente o contexto histórico de desenvolvimento dos mangás e a relevância de seu estudo, assim como abordar a hierarquia social dos objetos de estudo dentro do campo acadêmico, numa busca interiorizada de sempre ver a necessidade de justificar a escolha por determinado objeto de estudo.

O segundo capítulo apresenta a epistemologia e metodologia de Pierre Bourdieu, evidenciando os elementos e teorias para a construção do conhecimento

científico, assim como os conceitos de sua obra “A Reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino”, escrita em parceria com Jean-Claude Passeron. O terceiro capítulo mostra o enredo da história do mangá Naruto, com ênfase na estrutura da escola ninja com o intuito de ambientar o leitor a história. O quarto capítulo é destinado a apresentar a metodologia utilizada para a realização da pesquisa. O quinto capítulo expõe a análise e interpretação dos capítulos selecionados do mangá Naruto referentes a escola ninja e demais etapas para a formação da trajetória ninja. Por fim, são apresentadas as considerações finais, lembrando alguns pontos do trabalho e apontando as constatações da pesquisa.

1. SOCIOLOGIA DA HISTÓRIA EM QUADRINHOS

Conforme Cirne (2004), na primeira metade do século passado as histórias em quadrinhos não provocavam muito interesse crítico acadêmico, mostrando apenas interesse sociológico a partir da perspectiva cultural que nem sempre era satisfatória para compreendê-la como “discurso gráfico-narrativo-visual”, servindo como base o contexto social da comunicação de massa para a criticar, como se a comunicação de massa, intrinsecamente, esclarecesse toda a estética que originou-se no século XIX.

Conforme o autor, essas falhas que acabavam por provocar preconceitos, muitas vezes procediam de teóricos famosos como, por exemplo, Theodor Adorno em seu ensaio “A indústria cultural: O esclarecimento como mistificação das massas”, escrito com a participação de Max Horkheimer, mesmo voltado para questões específicas do cinema, ao criticar os artifícios da comunicação de massa, atingiu também os quadrinhos.

Cirne (2004) chama a atenção para algumas passagens do referido ensaio que requerem atenção ainda no atual momento, como quando os autores, Horkheimer e Adorno, citam que a indústria cultural reprime e não sublima, sendo puritana e pornográfica.

Além de que as obras de arte seriam sem pudor e ascéticas, e a fusão da cultura com o entretenimento acontecia como depravação da cultura e a espiritualização forçada da diversão.

Quer nos parecer, antes de tudo, que Adorno e Horkheimer ignoravam o melhor da indústria cultural, até aquele momento (1946/47): o cinema de Renoir, Murnau, Lang, Pabst, Vigo, Ford e Orson Welles (com exceção para Chaplin); os quadrinhos de McCay, Herriman, Raymond, Capp e Will Eisner (com exceção para Disney); a ficção científica de Lewis e o romance policial de Chandler ou Hammett, entre outros. Só assim podemos entender a sua afirmação genérica, sem fundamento histórico, de que a indústria cultural reprime e que não passa de pornografia, sendo, paradoxalmente, puritana. É verdade que por trás de todo puritanismo, com sua dupla face de conservadorismo e moralismo, está um profundo sentido pornográfico: a pornografia que, em nome da própria moral e dos bons costumes (burgueses), não ousa transgredir o que de fato merece ser transgredido – os valores da velha sociedade capitalista, seja a americana, seja a europeia. A indústria cultural só reprime aquilo que nasce para ser reprimido, em sua lógica interna de merdiocrização do pensamento; na verdade, ela se auto-reprime na medida de seus interesses moldados pelo capital. A indústria cultural só é pornográfica quando ela faz da pornografia não-dita a sua meta de consumo. (CIRNE, Moacy. Quadrinhos, memória e realidade social. pg. 03, 2004).

Cirne (2004), destaca que muitos quadrinhos uniram o valor cultural com o valor do prazer de uma leitura, e dessa maneira não podem ser considerados como “uma depravação da cultura”, visto que Adorno e Horkheimer são autores superados mesmo que representantes do pensamento marxista que foi retrabalhado pela Escola de Frankfurt¹. Segundo o autor, Walter Benjamin surge como um autor mais provocante quanto a compreensão da literatura e da arte, pois não trazia consigo marcas de um elitismo intelectual.

Conforme Marques (2011), as histórias em quadrinhos são cercadas de inúmeras regulamentações e só é possível serem compreendidas se resignadas a um processo minucioso de análise, dessa maneira a comicidade nas HQ arroga uma posição de seriedade. Para o autor, as histórias em quadrinhos são parcelas da totalidade que simbolizam a sociedade, dessa forma devem ser vistas como uma valiosa fonte de leitura e pesquisa, mesmo que em um primeiro momento a muitas dificuldades de compreender suas determinações. Tal aspecto, acontece, essencialmente devido a estar expresso ali diversos assuntos que em um primeiro olhar aparentam não existir pois estão ocultos.

Segundo o autor, isso ocorre em detrimento do contexto histórico em que essas histórias são elaboradas provocando, assim, seu obscurecimento, e a ficção incubese do papel fundamental na sociedade quando verifica-se através dela a divulgação de interesses, valores etc. Com isso, as histórias em quadrinhos apresentam influências do contexto no qual nascem, expressando o contexto social que as cerca. Logo, por conseguinte, é fundamental partir-se do pressuposto de que as histórias em quadrinhos “[...] são expressões da realidade e expressam, em seu universo ficcional, determinações desta mesma realidade.” Citando Viana o autor traz:

Ela exprime as concepções, valores, sentimentos e o inconsciente daqueles que realizam a expressão, no caso o artista individual ou, em caso de obra coletiva, o conjunto de artistas. O artista não é um ser superior ou diferente dos demais seres humanos: é um indivíduo comum, normal e, portanto, social, histórico, bem como portador de valores, desejos, sentimentos, inconsciente, contradições, determinações. Dessa forma, o artista é um ser social e histórico, que, em determinadas sociedades, está submetido à divisão social do trabalho e pertence a uma determinada classe social com seus valores, interesses, consciência etc., produzidos nesta base social. (MARQUES, E. 2011, p. 95 apud VIANNA, N. 2007a, p.71).

¹ A Escola de Frankfurt compreendia em intelectuais que na primeira metade do século XX elaboravam o pensamento conhecido como Teoria Crítica.

Em vista disso, Marques (2011) explica que as HQs são produtos da imaginação dos indivíduos que vivem em certo contexto histórico, indivíduos que carregam interesses e os expressam, consciente ou inconscientemente, na ficção.

[...] ficção e realidade são mescladas inconscientemente pelos produtores das histórias da superaventura e acabam sendo expressas na ficção. Uma vez que seus produtores se tratam de seres humanos reais, estes, por sua vez, sofrem influências do contexto histórico em que vivem e expressam inconscientemente na ficção o modo como a sociedade está determinada a existir. Enfim, sendo as histórias da superaventura partes integrantes da sociedade, então, torna-se fundamental encará-las, não mais como questões supérfluas, mas sim leituras sérias, através das quais podemos, inclusive, proporcionar reflexões sobre a essência da sociedade em que vivemos [...]. (MARQUES, E. 2011, p. 118).

Dessa maneira, o autor observa as histórias em quadrinhos como personificações de expressão de costumes, sentimentos e valores dos seus criadores, bem como do contexto histórico e da sociedade em que se encontram. Entretanto, esses indivíduos criam suas histórias em determinados ambientes, muitas vezes envolvidos por regras e subordinados a censuras, em detrimento a isso, acabam por ser constrangidos a aplicar uma base às histórias que reflita aos interesses do proprietário da empresa na qual escrevem. Nesse sentido a censura determina o conteúdo da história, assim como as características em geral, interferindo na liberdade dos seus criadores. Essa interferência das empresas tem por objetivo conduzir a produção das histórias em busca do lucro por meio da sua comercialização.

Conforme Vianna (2008), o questionamento sociológico dos quadrinhos concentra sua análise fundamentalmente na produção social das HQ e a mensagem que manifesta em suas produções, buscando discutir de que forma as histórias em quadrinhos constituem-se e após que mensagens, que valores elas reproduzem.

Obviamente que, como a sociedade moderna é perpassada por conflitos, também manifesta ideias e valores opostos, mas de forma marginal, pois a estrutura oligopolista da produção cultural é um processo poderoso de veto e controle. Além disso, a intervenção estatal também sempre se manifesta. Além disso, não existe homogeneidade no interior das ideias e valores dominantes e as variações, bem como interesses, produzem conflitos internos neste âmbito. O caráter axiológico dos quadrinhos é mais visível em determinados momentos, tal como no período da Segunda Guerra Mundial, onde diversos heróis e super-heróis foram “recrutados” para a guerra contra o nazi-fascismo (VIANNA, N. 2008, pg. 55).

O autor aponta que as HQ são produtos sociais, elaboradas por criadores e empresas que produzem, em determinado contexto histórico e social, histórias propagadas em quadrinhos que por meio de seus recursos (imagens, balões de diálogos etc.) e sequência manifestam uma ficção, e esta ficção é criada por indivíduos

sociais que exercem um trabalho coletivo, (assemelhando as HQ ao cinema ao contrário de outras artes que são produzidas mais individualmente), que tem base social e histórica.

Vianna (2008) observa que uma importante questão das histórias em quadrinhos encontra-se nas mensagens que estes repassam, pois desde quando surgiram foram uma forma de comunicação e dessa maneira um meio de passar mensagens. Por meio de palavras, diálogos e imagens os quadrinhos expressam concepções, sentimentos, valores etc. Seria neste processo que o papel relevante dos quadrinhos é de transmitir os valores e ideias dominantes, pois as HQ para além de serem um produto social, são uma manifestação do social, portanto reproduzem e reforçam as ideias e valores dominantes.

1.1 SOCIOLOGIA E MANGÁ

Conforme Vasconcellos (2006), a origem da palavra mangá é da junção de duas palavras do alfabeto Kanjii japonês: Fáshiko (ilustração) e Manketsu (história), sendo que o mangá tem suas raízes no período Nara com os rolos de pinturas japonesas denominados *emakimono*, que associavam pinturas e textos que conforme eram desenrolados contavam uma história.

Como traz Silva (2006), na Idade Média Japonesa, entre os séculos XI e XII, eram produzidos desenhos pintados em grandes rolos de papel arroz com o intuito de contar histórias, os mais famosos eram conhecidos como *Chojugiga* (desenhos humorístico de animais e pássaros), no século XV, enquanto o país passava por constantes guerras, cartuns humorísticos eram bastante populares.

Segundo o autor, no período Edo (1660-1867) é que os mangás começaram a se destacar por meio das obras do artista Katsushita Hokusai, onde produzia-se gravuras em madeiras utilizando temas populares. Nos anos de 1814 a 1849, Hokusai criou uma obra de 15 volumes intituladas de *Hokusai Manga* com desenhos em contornos de caricaturas com temas sobre as classes sociais, personificação dos animais e a vida nas cidades.

No período Meiji², após a abertura dos portos do Japão em 1853, (que até então com exceção da Holanda, esteve isolado por cerca de 200 anos do restante do mundo), diversas inovações ocorrem no país, até mesmo no sentido artístico, com o contato dos japoneses com as revistas humorísticas produzidas na França e Inglaterra, que influenciaram as produções japonesas no começo, bem como as norte americanas, porém gradativamente teve início uma produção local a maneira que percebiam que os temas e o conceitos desse humor não representavam a realidade do seu país.

A partir de 1920, as histórias em quadrinhos japonesas passam a ser denominadas por definitivo como mangá, por derivação das charges do artista Hokusai, levando algum tempo para que essa terminologia fosse absorvida pelo imaginário popular.

Ao criar o estilo que unia os caracteres man (“involuntário”) e ga (“desenho”, “imagem”) – cuja palavra resultante significa “imagens involuntárias” -, este impôs definitivamente como sinônimo de tudo o que é relacionado à caricatura e humor gráfico, à semelhança da palavra inglesa cartoon. (Moliné, p.18, 2004)

Como salienta Vasconcellos (2006), mesmo demorando até a segunda metade do século para que o termo mangá se consolidasse, a palavra inventada por Hokusai abriu caminho para uma próspera e poderosa indústria, entretanto o primeiro autor japonês de quadrinhos é Rakuten Kitazawa que publicou no ano de 1901 uma primeira história com personagens fixos com o nome de “*Tagosaku to Morubê no Tokyo Kenbutsu*” (A viagem a Tokyo de Togosaku e Morubê), recuperando a expressão mangá, a consolidando e expandindo.

Conforme Vasconcellos (2006), durante a Segunda Guerra Mundial a produção de mangás foi interrompida, voltando a partir do Plano Marshall³ em 1945, onde foram destinadas verbas para a produção dos livros japoneses. Como a guerra havia destruído muitos locais que eram destinados à cultura, e havia uma estimulação a leitura e cultura, as editoras de mangás vão se consolidar nesse período. Dois elementos contribuíram para a propagação dos mangás: os “teatros de papel”

² O Período Meiji ou Era Meiji constitui-se no Japão de 3 de fevereiro de 1867 a 30 de julho de 1912, regido pelo Imperador Meiji. Durante este tempo, ocorreu acelerada modernização, vindo a constituir o Japão em uma potência mundial. (SASAKI, E. M. Estudos de Japonologia no Período Meiji. USP, Centro de Estudos Japoneses, Simpósio “Natsume Sôseki: época, sociedade, obra”. 2016).

³ O Plano Marshall (Programa de Recuperação Europeia) foi criado pelos Estados Unidos com o objetivo de impedir a expansão do comunismo, bem como auxiliar economicamente e propiciar a reconstrução dos países europeus após a guerra, e nos países que adotaram o Plano. (PETRIN, N. Plano Marshall. 2014).

(kamishibai) que eram quadrinhos feitos em lenços e apresentado por um narrador e os “mangás de aluguel” (Kashibon) que eram distribuídos através de bibliotecas ambulantes, pois os mangás naquele momento eram raros e caros.

De acordo com Silva (2006), é neste contexto do pós-guerra que surge Osamu Tezuka, conhecido como “Walt Disney Japonês”, “pai do mangá moderno”, que se inspirou em Walt Disney para caracterizar suas criações, entre elas está o “Astro Boy” (Tetsuwan Atomu). Osamu Tezuka fundiu influências ocidentais (evidentes em seus traços por meio dos olhos grandes e expressivos) junto a tradição narrativa japonesa criando um estilo novo, o que foi uma homenagem à arte ocidental tornou-se uma marca dos mangás japoneses.

Como traz Neves (2007), nas décadas seguintes, principalmente anos 60 e 70, os mangás popularizaram-se. No entanto na Europa e nas Américas nesse mesmo período as histórias em quadrinhos entravam em crise, e como um dos motivos, estava o avanço da televisão, contrastando com a expansão da indústria de mangá que crescia em número de títulos e tiragens. Isso levou os mangás de maior sucesso para a tv.

Conforme Neto (2017), os animes e mangás japoneses estão presentes no Brasil desde a década de 1960, mas foi a partir dos anos de 1990 e sobretudo 2000 que estas mídias começaram a se difundir e ganhar maior número de fãs, principalmente a partir do momento que as editoras começaram a investir na publicação de mangás e que programas da TV aberta e por assinatura começaram a transmitir os animes, assim como a internet que possibilitou facilmente o acesso as estas mídias e propiciou a propagação da cultura pop japonesa, que caracteriza-se por todas as produções midiáticas japonesas, como os mangás, animes e músicas.

A palavra “anime”, de uma forma geral significa animação. É o termo utilizado pelos orientais para representar qualquer tipo de animação, entretanto, para os ocidentais corresponde somente aos desenhos animados produzidos no Japão. Já a palavra mangá, “imagem a partir de si mesma”, no Japão refere-se aos quadrinhos, cartum, caricaturas, porém para os fãs destas mídias, passou a representar as revistas de origem japonesa, provavelmente pelo seu diferencial em sua forma de escrita, desenho e leitura.

Como Nóbrega e Procópio (2017) evidenciam, no Japão há uma mistura entre a modernidade e a tradição, com uma identidade cultural rica que permanece junto ao desenvolvimento econômico e tecnológico, o que conquista a admiração do restante

do mundo, fazendo do país um influenciador cultural. Nesse sentido, a tecnologia, filosofia, culinária, bem como os animes e mangás, são consumidos em todo o ocidente, acarretando uma comunidade global de fãs que se autodenominam *Otakus*⁴, termo com significado pejorativo que passou a representar os fãs da cultura pop japonesa.

Como afirma Coelho (2014), percebe-se que os quadrinhos, bem como os mangás, tem se disseminado significativamente na leitura dos jovens brasileiros, que ao frequentarem a escola e inter-relacionarem-se nesse espaço de ensino e socialização, acabam por fazer parte de suas narrativas. Diante disso abre-se uma perspectiva para se investigar estas mídias, suas reflexões e interpretações numa perspectiva para sua utilização no ensino.

Silva (2012), fala do anime como um dos formatos midiáticos mais assistido pelos adolescentes, podendo ser utilizado na escola como uma possibilidade educativa, visto que se visualiza através de brincadeiras, conversas e reprodução de desenhos entre os estudantes a presença constante de elementos dos animes, corroborando para a formação da cultura escolar.

Como traz Luyten (2014), a Cultura pop japonesa tem sido utilizada como ferramenta de trabalho nas salas de aulas, oficinas realizadas pelas Secretarias de Educação e Cultura de municípios brasileiros, como também como objetos de Trabalhos de Conclusão de Curso, Mestrado e Doutorado, fornecendo uma vasta produção bibliográfica de ampla importância para o Brasil.

Segundo a autora as primeiras pesquisas sobre mangás e animes são originárias do ano de 1970, na Universidade de São Paulo, na Escola de Comunicação e Artes, no departamento de jornalismo e Editoração sob sua coordenação, como também da fundação da ABRADEMI, primeira Associação de mangá no Brasil, e do mesmo período a criação da revista Quadreca na ECA/USP, que propiciou os primeiros passos para os trabalhos sobre a Cultura pop Japonesa.

Nas buscas sobre trabalhos do gênero⁵ para realização do presente estudo, me deparei com mais de 70 trabalhos acadêmicos, entre artigos, monografias, dissertações de mestrado e teses de doutorado, realizados acerca de animes e

⁴ No Japão, o termo Otaku é utilizado para caracterizar o indivíduo que é obcecado por algum assunto, e mantém-se distantes dos convívios sociais.

⁵ Buscas realizadas entre março e junho de 2019 em sites, repositórios acadêmicos e disponibilizadas através de um grupo via rede social facebook, grupo este destinado a troca de trabalhos acadêmicos sobre o tema de animes e mangás.

mangás com temáticas variadas. Os assuntos abordados passam pelo estudo da sua influência para a construção de identidades sociais, a relação entre ficção e realidade como construção de novas percepções de mundo, influência sobre a interação social, cultura de massa, comunicação, entre muitos outros enfoques.

Conforme Marques (2011), nos últimos tempos vem se sistematizando uma consciência sobre o papel que as histórias em quadrinhos desempenham na constituição e formação do indivíduo, através da sua massificada distribuição na sociedade, diversas análises começam a surgir.

Como considera Franco (2007), nas últimas décadas estamos verificando um novo fenômeno cultural de massa, oriundos do Japão, os mangás e animes vem reunindo um grande número de fãs no mundo todo, sobretudo nos Estados Unidos, Itália, Espanha e Brasil, e por ser uma produção cultural japonesa, portanto carregada de valores e ideologias próprias, é necessário analisar sua influência nos leitores não japoneses. Portanto, a autora enfatiza que como todo produto cultural, os mangás são completos de ideologias, símbolos e significações dos modos de ser, sentir e pensar dos japoneses, ocorrendo um processo de aculturação nos jovens brasileiros para além de mudanças puramente estéticas e de se divertir, mas também na mudança de valores e visões de mundo, em um processo que ocorre dentro da globalização, semelhante ao que aconteceu com gerações passadas onde o modo de vida americano difundiu-se no Brasil.

Como ressalta Franco (2007), os mangás, em sua maioria, não fazem críticas sociais ou políticas diretamente como na maioria das histórias em quadrinhos americanas e brasileiras, os mangás servem para os japoneses como uma válvula de escape das frustrações sociais e pressões, em sua maioria as críticas são sutis e muitas vezes se perdem quando são lidas pelos fãs brasileiros, por viverem em um contexto histórico e social diferente.

Dessa maneira, pensando-se nestas mídias como carregadas de dimensões da vida oriental, com sua cultura e experiências sociais, que geram influências em culturas totalmente diferentes das suas, observa-se a relevância em um estudo das Ciências Sociais para se pensar dentro deste universo, verificando-se que examinar os mangás possibilita uma investigação dos elementos formativos e “reveladores” do sentido de existência contido no universo oriental e como tais aspectos podem ser trabalhados na área. Ou seja, o estudo dos mangás permite ver para além do

elemento de entretenimento, mas isso só é possibilitado através das lentes das Ciências Sociais.

À vista disso e do que destaca Franco (2006) os mangás conterem críticas políticas e sociais mais sutis e dessa maneira se perdem ao serem lidas por leitores que vivem em contextos sociais e históricos diferenciados. Além disso, é cabível ressaltar o papel do cientista social na análise dos mangás. Como traz Scartezini (2011), para Bourdieu o cientista tem um papel fundamental na sociedade, pois caberia a ele eliminar o senso comum e as pré-noções na busca de elaborar novas formas de se compreender as relações, modo de vida, instituições, a sociedade e a si próprio.

1.1.1 A hierarquia social dos objetos de estudo

Para Bourdieu a escolha do objeto de pesquisa deve ser feita começando com a capacidade de colocar em jogo as verdades cientificamente aceitas, pois correspondem muito mais às lutas pelo poder do campo científico do que sobre inovações científicas ou verdades, uma vez que a importância política ou social do objeto não são suficientes por si só para embasar a importância do discurso que lhe é conceituada, porque é mais importante a sua construção metodológica.

Como acentua Bourdieu:

O que conta, na realidade é a construção do objeto, e a eficácia de um método de pensar nunca se manifesta tão bem como na sua capacidade de constituir objetos socialmente insignificantes em objetos científicos [...]. (BOURDIEU, Pierre. 1989, p. 20).

Bourdieu para além de expor sobre a estrutura do campo científico estabelecida pelas relações de força entre os agentes e instituições, como da disposição do capital específico, ressalta sobre a hierarquia social dos métodos e objetos. Para o autor, nos campos de produção simbólica ocorre uma hierarquia dos objetos ditos legítimos, legitimáveis ou indignos, constituindo-se como uma das mediações pelas quais impõe-se uma censura específica em um campo determinado. No interior do campo científico predominam temáticas tidas como mais relevantes que outras, para as quais ocorre uma censura.

A definição dominante das coisas boas de se dizer e dos temas dignos de interesse é um dos mecanismos ideológicos que fazem com que as coisas

também muito boas de se dizer não sejam ditas e com que temas não menos dignos de interesse não interessem a ninguém, ou só possam ser tratados de modo envergonhado ou vicioso. (BOURDIEU, Pierre. 2007, p. 35).

Bourdieu argumenta que ao existir dentro do campo científico uma dominância quanto aos temas ditos como dignos, ocorre que outros temas que também seriam dignos de importância e interesse deixem de ser estudados, ou são analisados de forma envergonhada, com desprestígio.

Essa hierarquia dos objetos e domínios conduz os investimentos intelectuais por meio da intermediação da estrutura de possibilidades de lucro simbólico e material que ela favorece para definir, onde o pesquisador coopera sempre do valor e da importância correntemente conferidos ao seu objeto, e improvavelmente que ele não perceba, inconscientemente ou consciente, na aplicação de seus interesses intelectuais o fato que:

[...] os trabalhos (cientificamente) mais importantes sobre os objetos mais “insignificantes” têm poucas oportunidades de ter, aos olhos daqueles que interiorizam o sistema de classificação em vigor, tanto valor quanto os trabalhos mais insignificantes (cientificamente) sobre os objetos mais “importantes” que, com frequência, são igualmente os mais insignificantes, isto é os mais anódinos. É por isso que aqueles que abordam os objetos desvalorizados por sua “futilidade” ou sua “indignidade”, como o jornalismo, a moda ou as histórias em quadrinhos, frequentemente esperam de um outro campo, esse mesmo que eles estudam, as gratificações que o campo científico lhes recusa de antemão, e isso não contribui para incliná-los a uma abordagem científica. (BOURDIEU, Pierre. 2007, p. 36).

Dessa maneira, Bourdieu enfatiza que o pesquisador sempre acaba levando em conta a atribuição de valor referida ao seu objeto de estudo e percebe de alguma forma que um trabalho científico considerável sobre um objeto tido como insignificante não terá as mesmas condições de ser percebido como validável, da mesma maneira que trabalhos mais irrelevantes cientificamente sobre objetos considerados mais respeitáveis, geralmente são os mais medíocres.

Por consequência, acaba por provocar que pesquisadores ao trabalharem com objetos desvalorizados sob a alegação de serem banais, nulos, indignos (onde aqui ele traz como um dos exemplos as histórias em quadrinhos), acabam por esperar o reconhecimento do campo que eles estão estudando e não do campo científico, pois o campo científico já lhe nega o reconhecimento previamente, não contribuindo para predispor-los a uma interpelação científica.

Bourdieu observa a necessidade de se analisar a maneira com a qual se arroga a divisão aceita como natural, em domínios interessantes ou banais, sérios ou

ridículos, nobres ou vulgares em diferentes momentos, onde seguramente se constataria que o campo dos objetos de pesquisa possíveis organiza-se de acordo com o grau de legitimidade e o grau de prestígio no interior das fronteiras da definição.

O autor argumenta que um tema tem relevância conferida pela ciência como um exercício imaginativo de compreensão dos sistemas de valores verificáveis no domínio dos seus agentes, pois não há um assunto mais importante que o outro, na realidade o que ocorre no campo científico é a produção social “natural” de certos assuntos, temas ditos mais relevantes do que outros.

Como traz Valle (2008), as histórias em quadrinhos são consideradas um tema que não é sério, que é infantil, sendo menosprezadas por muitos que as avaliam como uma cultura inferior, considerando seu público a “massa” infantil e acrítica. Conforme o autor, os motivos para esse preconceito têm origens e implicações sociais, onde o desmerecimento das histórias em quadrinhos é efetivado com fundamentação em uma visão racionalista e elitista.

Conforme o autor, a sociedade contemporânea é dominada pela razão que despreza a fantasia, os sentimentos e a imaginação na busca pelo comando das relações sociais e a mente humana, o autor salienta que se cria uma censura social em conformidade com as propensões da produção e produtivismo capitalista. E o elitismo é gerado dos setores intelectualizados da sociedade que tomam seus gostos e valores como superiores e os demais como inferiores, contrastando como a “alta cultura” e a “baixa cultura”.

Quanto a desvalorização das histórias em quadrinhos enquanto objeto de estudo, Umberto Eco (1964), afirma que quando o estudo das histórias em quadrinhos superasse o “estágio esotérico” e o público “culto” dispusesse a mesma consideração que oferta à ópera e outras manifestações culturais “elevadas”, é que se verificaria sua importância.

Além disso, Valle (2008), menciona os diversos pesquisadores das histórias em quadrinhos que em suas obras buscam justificar e legitimar seu objeto de estudo, validando assim as considerações de Bourdieu a respeito da hierarquia social dos objetos de estudo.

Dessa maneira, como afirma Valle (2007), Bourdieu recusa a hierarquia social dos objetos regularmente construídas e determinadas pela erudição acadêmica que coloca dentro da nobreza da pesquisa os objetos considerados nobres livremente da sua construção, visto que a relevância científica e acadêmica de um objeto se situa

puramente nos procedimentos para sua construção. É por esta razão que a relevância de uma pesquisa é consequência do seu fundamento investigativo e do alcance dos seus resultados, não dos bons ou maus propósitos dos pesquisadores, muito menos do valor atribuído à pesquisa pelas exigências vindas dos poderes temporais.

Em vista disso, através do livro “A Reprodução” de Pierre Bourdieu, será analisado a estrutura de organização e funcionamento da escola ninja apresentada no mangá Naruto, com o objetivo de interpretá-la enquanto uma instituição social que reproduz e legitima as desigualdades sociais.

Sendo assim, compreendo que esta pesquisa representa um exercício sociológico, que permitirá tanto usar de um objeto empírico para transformá-lo em um objeto de estudo sociológico, quanto possibilitar que o conhecimento científico ultrapasse a barreira dos muros da academia e permita seu acesso, e sobretudo sua compreensão para a sociedade de um modo mais amplo, pois como afirma Bourdieu, a construção de um objeto e o fazer sociologia, permite romper com o senso comum.

2. EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA DE PIERRE BOURDIEU

A relação entre indivíduo e sociedade é um dos temas fundamentais das Ciências Humanas e sobretudo das Ciências Sociais, onde a teoria sociológica, por decorrência histórica a década de 1960, inicia o debate entre objetivismo e subjetivismo, traduzidos pelo antagonismo de Durkheim e Weber.

De um lado as estruturas sociais regem as ações do sujeito e do outro lado os sujeitos são independentes quanto as suas ações e intenções. Diante a isto a teoria sociológica de Pierre Bourdieu se insere na busca de superar estas contraposições, a partir do debate com dois interlocutores: Lévi-Strauss da Antropologia e Saussure da linguística.

Bourdieu concorda com o linguista e filósofo Saussure e Lévi-Strauss, antropólogo estruturalista, quanto a existir estruturas objetivas que são independentes da vontade e consciências dos agentes sociais, contudo, conforme Ortiz (1983), discorda da visão objetivista, onde o estruturalismo considera os sistemas de reprodução apenas como “estrutura estruturada” e não como “estrutura estruturante”.

Neste viés, a crítica de Bourdieu a Saussure como representante da escola linguística, é por considerar o ator social como simples executor do que lhe é exterior e objetivamente programado. Bourdieu discorda quanto a comunicação ser estabelecida independentemente da condição em que esta ocorre, pois para Bourdieu, a comunicação ocorre como “interação socialmente estruturada”, onde os agentes da fala comunicam-se em um campo em que as posições sociais já se encontram estruturadas.

Ao criticar o objetivismo, Bourdieu encontra-se com o subjetivismo da ação social de Weber, que considera a ação individual com significações e motivações pertencentes aos fenômenos sociais, onde Bourdieu analisa os fenômenos sociais com base nas práticas dos agentes nos diferentes campos sociais.

Conforme Thiry-Cherques (2007), do estruturalismo Bourdieu além de desaprovar a redução objetivista que rejeita a prática dos agentes e importa-se somente quanto as relações de coerção impostas por estes, recusa a estabilidade e o determinismo das estruturas, mas mantém a concepção de que o sentido das ações pessoais não compete ao sujeito, pertencendo ao sistema de relações nas quais e pelas quais se executam.

Bourdieu da fenomenologia reprova o descritivismo, mas integra o rompimento com o senso comum, quanto ao argumento das atitudes dos agentes e pesquisadores, bem como o método de construção do fato social como objeto onde os agentes sociais são construtores da realidade social, porém sustentado que a origem dessa fundação é estrutural.

Para além, como acentua Thiry-Cherques (2007), Bourdieu integra no conceito de *habitus* as ideias de consciência de classe e luta pela dominação do marxismo, mas preocupa-se com o que ele denomina “ilusão racionalista”, que seria o pensar sem considerar a circunstância em que se pensa, o mundo no qual está inserido. Assim, o autor se afasta dos âmbitos pensamento marxista quanto à luta de classes, a falsa consciência, mistificação e alienação, pois para Bourdieu a dominação é exercida sempre por meio da violência, brutalmente ou de forma simbólica e não apenas na base econômica como para Marx, visto que para Bourdieu, existem outros capitais em disputa.

Além disto, contesta o argumento dos fenômenos sociais serem exclusivamente produto das ações individuais, concepção essa defendida pela corrente teórica do individualismo metodológico⁶. Para o autor é necessário que o pesquisador exerça uma vigilância epistemológica sobre a capacidade de explicação fornecida pelos agentes, pois não há uma racionalidade dos atores. Os atores agem sob os “constrangimentos estruturais” que é onde ocorrem os pensamentos e atos dos agentes.

Ainda, de acordo com Thiry-Cherques (2007), em contraposição com o positivismo, Bourdieu defende que é necessário retirar a objetividade da investigação em vista que o objeto de estudo é um indivíduo que pensa e fala, pois no termo objetivista de investigação da pesquisa espontânea encobre o fato social.

Como expõe Corcuff (2001), entre a junção do objetivo e do subjetivo Bourdieu definiu o “construtivismo estruturalista” como seu procedimento.

Por estruturalismo ou estruturalista, eu quero dizer que existem, no próprio mundo social [...], estruturas objetivas independentes da consciência e da vontade dos agentes, que são capazes de orientar ou de limitar suas práticas ou suas representações. Por construtivismo, quero dizer que há uma gênese social dos esquemas de percepção, de pensamento e de ação constitutivos do que chamo de *habitus*, por um lado, e, por outro lado, das estruturas sociais e, em particular do que chamo de campo. (CORCUFF. 2001, p. 58 apud BOURDIEU, 1987, p. 147).

⁶ O Individualismo Metodológico é correntemente relacionado à epistemologia sociológica de Max Weber, tendo sua origem filosófica em Kant.

Segundo Corcuff (2001), Bourdieu caracteriza dois momentos da investigação, o primeiro objetivista e o segundo subjetivista, onde o sociólogo constrói no momento objetivista as estruturas objetivas ao afastar-se das representações subjetivas dos agentes, mas sendo necessário a análise das representações para perceber as lutas cotidianas tanto coletivas como individuais que aspiram conservar ou transformar as estruturas.

Neste sentido, como afirma Ortiz (1983), na busca de solucionar essas dicotomias, Bourdieu reelaborou a noção de *habitus* enquanto *modus operandi* da ideia escolástica, o definindo como um sistema de disposições internas, socialmente construídas e adquiridas, que são estruturas estruturadas que funcionam como estruturas estruturantes.

Nas palavras de Bourdieu,

[...] a noção de *habitus* exprime sobretudo a recusa a toda uma série de alternativas nas quais a ciência social se encerrou, a da consciência (ou do sujeito) e do inconsciente, a do finalismo e do mecanismo, etc. [...] tal noção permitia-me romper com o paradigma estruturalista sem cair na velha filosofia do sujeito ou da consciência, a da economia clássica e do seu homo economicus que regressa hoje com o nome de individualismo metodológico, Retomando a velha noção aristotélica de hexis, convertida pela escolástica em *habitus*, eu desejava reagir contra o estruturalismo e sua estranha filosofia da ação que, implícita na noção levi-straussiana de inconsciente, se exprima com toda a clareza entre os althusserianos, com o seu agente reduzido ao papel de suporte da estrutura. (BOURDIEU, Pierre. 2002, p. 60-61).

Assim, o *habitus* é a soma dos conhecimentos adquiridos, sendo preceitos incorporados ao longo do tempo. Para Bourdieu o intuito seria de “[...] sair da filosofia da consciência sem anular o agente na sua verdade de operador prático de construção de objeto.” (BOURDIEU, P. 2002, p. 62.), onde a noção de *habitus* corresponde a elaboração das objetividades e subjetividades.

Como salienta Ortiz (1983), o *habitus* se concede socialmente e individualmente, pois refere-se a uma classe ou grupo, como também ao componente individual. O processo de interiorização sempre acarreta a internalização da objetividade, ocorrendo de forma subjetiva, mas não sendo exclusivo ao domínio da individualidade, bem como a homogeneidade dos *habitus* subjetivos assegura-se à proporção da internalização das representações objetivas conforme suas posições sociais. Ou seja, as práticas sociais são processos dinâmicos onde a objetividade se enraíza pela e na experiência subjetiva. Desse modo podem ao mesmo tempo tender

tanto à reprodução como à transformação, pois o *habitus* indica um princípio produtor de esquemas duráveis, entretanto flexíveis.

Quanto a prática enquanto estrutura estruturada propensa a operar como estrutura estruturante, Ortiz (1983) explica que o *habitus* se aplica tanto a interiorização dos valores e normas como aos sistemas de classificação que antecedem às representações sociais.

O *habitus* pressupõe um conjunto de “esquemas generativos” que presidem a escolha; eles se reportam a um sistema de classificação que é, logicamente, anterior à ação. [...] A estrutura implica [...] uma ação estruturante, uma vez que as categorias de classificação presidem a prática do indivíduo que as interiorizou.” (ORTIZ, Renato. 1983, p. 16).

Como aponta o autor, as categorias são sociais e históricas e reproduzem as relações hierarquizadas que estruturam a sociedade, onde a dominação ocorre tanto como discurso ideológico quanto como uma categoria lógica que determina a respectiva representação social. Dessa maneira, o *habitus* se firma por meio dos “esquemas generativos”.

Como indica Corcuff (2001), o *habitus* é um sistema de disposições duráveis e transponíveis, disposições enquanto predisposições na maneira de perceber, fazer, pensar e sentir interiorizadas em geral inconscientemente pelo indivíduo, resultante das condições objetivas da sua existência e trajetória social. Duráveis em razão de que as disposições podem modificar-se ao longo das experiências, porém são vigorosamente enraizadas tendendo a contrapor-se a mudanças. Transponíveis uma vez que as disposições são assimiladas ao decorrer das experiências gerando efeito sobre outras experiências. É sistema porque as disposições são unificadas entre si.

Em vista disso, Ortiz (1983) argumenta que o *habitus* enquanto sistema de disposições duráveis é base de apreciação, percepção e ação realizadas em determinadas condições sociais, onde o contexto particular que defronta um ator social se encontra objetivamente estruturado e a conciliação entre esta situação e o *habitus* permite formar uma teoria da prática que possibilita considerar as imprescindibilidades dos agentes e a objetividade da sociedade. Bourdieu nomeia campo este espaço em que as posições dos agentes se encontram *a priori* determinadas.

Conforme o autor, o campo é definido como o *locus* no qual se empunha uma luta competitiva entre os atores em volta de interesses intrínsecos que retratam a área em questão, o que acaba por resolver o empecilho da conciliação entre a ação

subjetiva e a objetividade da sociedade, posto que todo o ator age internamente em um campo socialmente predeterminado.

[...] descrevo o espaço social global como um campo, isto é, ao mesmo tempo, como um campo de forças, cuja necessidade se impõe aos agentes que nele se encontram envolvidos, e como um campo de lutas, no interior do qual os agentes se enfrentam, com meios e fins diferenciados conforme sua posição na estrutura do campo de forças, contribuindo assim para a conservação ou a transformação de sua estrutura. (BOURDIEU, Pierre. 1996, p. 50).

Neste sentido, como traz Thiry-Cherques (2006), o *habitus* é atribuído a um campo, e encontra-se entre o sistema imperceptível das relações estruturais que modelam as instituições e ações, onde as ações perceptíveis dos atores estruturam as relações. Dessa forma, os campos não são estruturas estáticas, pois são produtos da história de suas concepções características e das disposições a quais favorecem.

O campo, no seu conjunto, define-se como um sistema de desvios de níveis diferentes e nada, nem nas instituições ou nos agentes, nem nos actos ou nos discursos que eles produzem, tem sentido senão racionalmente, por meio do jogo das oposições e das distinções. (BOURDIEU, Pierre. 2003, p. 179).

Conforme Bourdieu, cada campo tem suas próprias regras, fundamentos e hierarquias, sendo definidos com base nos conflitos e apreensões correspondentes as suas próprias delimitações e sistematizados por grupos de oposições e relações entre os agentes.

Conforme Bourdieu (2002), o corpo apreende desde o nascimento os valores presentes na família e no grupo social do seu convívio, e sobre essa assimilação inicial são sobrepostas outras, provenientes das suas relações sociais, do meio escolar, do trabalho e dos demais campos sociais com os quais o indivíduo tenha contato, onde através do *habitus* ocorre a incorporação das estruturas sociais.

Como enfatizam Araújo, Alves e Cruz (2009), Pierre Bourdieu dispõe de uma teoria metodológica significativa para a compreensão entre a relação do sujeito e sociedade, pois recupera o lugar dos agentes ao mesmo tempo que reconhece o papel das estruturas. Não seria somente as estruturas sociais determinantes da vida em sociedade, mas através do *habitus* os agentes sociais internalizam normas e regras sociais.

O conceito de campo formulado por Bourdieu, como apontam os autores, busca suprir os aspectos permanentes das estruturas sociais, no qual o conceito de

campo se define como um espaço estruturado de posições onde dominantes e dominados competem entre si para manter e obter determinadas posições.

Para Bourdieu o espaço social é um campo social em que os seus agentes, através de estratégias simbólicas e materiais, disputam posições e desejam a legitimidade, os indivíduos aspiram pela posição máxima no campo, a de dominação, ao mesmo tempo em que os dominantes defendem sua posição contra os dominados.

Conforme Monteiro (2018), os capitais estruturam os campos, estes compreendidos como espaços da prática, pois é a quantidade de capital acumulados pelos agentes que permite verificar a posição que eles ocupam em determinado campo, visto que os possuidores de maior quantidade de capital posicionam-se no lado dominante do campo na estrutura do espaço social, local onde os agentes agem conforme sua posição e disposição incorporada e pela importância dos capitais.

Segundo Monteiro (2018), para Bourdieu o capitalismo contemporâneo caracteriza-se pelo seu contínuo processo de hierarquização, diferenciação, reprodução das desigualdades sociais e autonomização dos campos e através de suas pesquisas Bourdieu constatou que as disputas no interior dos campos não ocorrem somente por um determinado “recurso”, mas por variados “recursos” que são diversificados tipos de capitais, como o econômico, político, social, simbólico e cultural, e que esses capitais são centrais, pois constituem-se em mecanismos de estratégia de manutenção, reprodução e transmissão de legados dos agentes e instituições.

Nesse viés, o autor observa que para Bourdieu, o capital econômico e o capital cultural são os dois capitais que estruturam a sociedade contemporânea. O capital econômico corresponde ao conjunto de recursos, integrando tanto o patrimônio material como no sentido financeiro. O capital cultural compõe os recursos que correspondem a soma das qualificações intelectuais transmitidos pela família e produzidos pelo sistema escolar, podendo ser compreendido em três níveis: incorporado, quando as disposições são incorporadas durante a socialização e através dos valores transmitidos pela família e pelas instituições como o espaço escolar; objetivado de modo a proporcionar a posse de bens materiais condicentes com a cultura legitimada da classe dominante; e institucionalizado que se refere ao reconhecimento legitimado pelas instituições expressado em forma dos certificados escolares e diplomas.

Nesse contexto, Bourdieu aponta a escola e seu sistema de ensino possuindo como função a legitimação das desigualdades sociais, visto que mantém a dominação dos dominantes sobre as classes populares. Embora a escola passe uma posição de neutralidade e independência, encontra-se no alicerce da participação da reprodução da ordem estabelecida, reproduzindo a estrutura da disposição do capital cultural e a cultura dominante.

Como traz Monteiro (2018), Bourdieu mostra que o sistema de ensino tem papel de extrema importância quanto à produção e imposição de séries de categorias de pensamento e formas de classificação social, impondo um arbitrário cultural e constituindo-se para as classes populares como violência simbólica.

Deste modo, no subcapítulo a seguir, serão apresentados os elementos teóricos do Obra “A Reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino”, escrita por Pierre Bourdieu em parceria com Jean-Claude Passeron, visto que a partir do exame desta obra será interpretado os mecanismos de reprodução identificados no mangá Naruto.

2.1 BOURDIEU E A REPRODUÇÃO SOCIAL

Na obra de Bourdieu “A Reprodução”, escrita em parceria com Jean-Claude Passeron, os autores analisam o sistema de ensino francês na década de 1960. Na obra os autores retratam a escola como reprodutora da cultura dominante. Até aquele momento, a escola republicana francesa era vista como uma instituição guiada pelo mérito, na qual todos poderiam ascender socialmente, basta, para isso a dedicação aos estudos, pois todos teriam as mesmas oportunidades.

Neste viés, os autores observam a adaptação metodológica do discurso da escola direcionada a apenas uma parcela de seus alunos, não sendo um discurso neutro, mas sim um discurso que dissemina a cultura dominante no meio escolar, que é passado tanto por imposição como por ocultação. Neste caso, por exemplo, os professores produzem determinada fala que só é compreensível para uma parte dos estudantes, enquanto a outra parcela dos alunos fica marginalizada com relação a essa fala.

Para Bourdieu, a classe social que efetiva a dominação sobre o campo pedagógico influencia o sistema de ensino a estabelecer às classes populares⁷ o reconhecimento da cultura da classe dominante como única cultura legítima, além de, simultaneamente, impossibilitar que as classes populares detenham o acesso a essa cultura. Nesse contexto, os professores exercem o papel de condução das classes populares a legitimar essa cultura, e ao mesmo tempo marginalizar a cultura popular.

Compete assim aos professores a conversão dos recursos culturais acumulados pelos estudantes das classes dominantes, em conteúdos escolares, o que favorece esses alunos na competição escolar em detrimento aos alunos das classes populares. Para isso, os professores utilizam-se de discurso apoiado na necessidade de se ter conhecimento prévio para poder ser compreendido, o que muitos alunos não detêm, e de um código linguístico que marginaliza os estudantes que possuem outras proporções de linguagem.

Ou seja, os conteúdos escolares são uma continuação dos recursos culturais incorporados socialmente nas famílias pertencentes as classes dominantes, e os professores ao valer-se desse discurso em sala de aula, beneficiam apenas a parcela de estudantes que tem bagagem cultural que torna possível a compreensão dessa linguagem.

Dessa maneira, Bourdieu ressalta que cada indivíduo se caracteriza por sua bagagem socialmente herdada, que inclui elementos que são externos ao indivíduo e que são aplicados em serventia ao sucesso escolar. Faz parte desta bagagem o capital econômico enquanto viabilizador de acesso a serviços e bens, o capital social referente aos relacionamentos sociais de influência preservados pela família e o capital cultural, formado por títulos, transmitidos pela família, sendo este incorporado, e que tem maior influência no rumo do destino escolar do indivíduo.

Conforme Bourdieu, o capital cultural privilegia o desempenho escolar pois facilita a aprendizagem dos conteúdos e códigos escolares, visto que os parâmetros culturais, o domínio da língua culta e os conhecimentos que são considerados legítimos já são trazidos de casa por determinadas crianças, o que facilita seu aprendizado já que na escola ocorre uma continuação do aprendizado vindo da

⁷ O termo Classes populares na obra dos autores faz sentido visto que Bourdieu frequentemente diferencia três conjuntos de disposições e de estratégias de investimento escolar que seriam adotadas tendencialmente pelas classes populares, classes médias (ou pequena burguesia) e pelas elites, na obra "A Reprodução", Bordieu ainda destaca que para as classes populares, diferente dos artesãos e comerciantes, a superseleção continuaria sendo regra.

família, enquanto que outras crianças que não possuem essa bagagem, isto é, que não possuem capital cultural, se deparam com algo distante a sua realidade, causando uma estranheza.

Dessa maneira, Bourdieu salienta que os alunos não são indivíduos que competem igualmente na escola, mas são indivíduos que trazem consigo uma bagagem cultural e social incorporadas em sua origem social, os colocando em condições favoráveis ou não frente as exigências da competição escolar.

Na obra em questão, os autores destacam que a escola é um espaço de reprodução social que legitima as desigualdades, visto que é na escola que o legado familiar se transforma em capital cultural, pois a passagem de variados conhecimentos é desigual, uma vez que se privilegia os estudantes que detêm uma herança cultural.

[...] as diferentes AP que se exercem numa formação social colaboram harmoniosamente para a reprodução de um capital cultural concebido como uma propriedade indivisa de toda uma "sociedade". Na realidade, devido ao fato de que elas correspondem aos interesses materiais e simbólicos de grupos ou classes, contribuindo do mesmo modo para a reprodução da estrutura social; com efeito, as leis do mercado em que se forma o valor econômico ou simbólico, isto é, o valor enquanto capital cultural, dos arbitrários culturais reproduzido pelas diferentes AP e, por esse meio, dos produtos dessas AP (indivíduos educados), constituem um dos mecanismos, mais ou menos determinantes segundo os tipos de formações sociais, pelos quais se encontra assegurada a reprodução social, definida como reprodução da estrutura das relações de força entre as classes. (BOURDIEU, P. PASSERON, J. 2012, p. 32).

Desse modo, ao priorizar-se um discurso dominante, ocorrerá a exclusão de grande parte de estudantes que não tem condições de acompanhar esse discurso do professor em sala de aula. Nesse contexto, o capital cultural é um elemento que segrega e violenta os alunos os marginalizando educacionalmente.

Os autores ressaltam que a disposição de capital cultural além de possibilitar o êxito escolar, proporciona maior sucesso nos procedimentos de avaliação escolar. Visto que, para os autores a avaliação escolar, muito além de apenas verificar a aprendizagem, analisa culturalmente e moralmente os estudantes, ao cobrar-se que estes estudantes tenham determinado modo de escrever, falar e comportar-se, sendo que esses requisitos só podem ser totalmente compreendidos pelos alunos que já foram socializados com esses mesmos valores por suas famílias.

Neste viés, Bourdieu e Passeron analisam na estrutura de ensino o exame como uma forma de selecionar, classificar e eliminar, utilizado como instrumento de controle e dominação, que perpetua uma definição de conhecimento e respostas, e

limita capacidades e conhecimentos. Através do exame a escola seleciona tecnicamente os mais capacitados e os classifica desde o início da vida escolar, enquanto os estudantes oriundos das classes populares já são eliminados antes mesmo de serem avaliados.

É demasiado evidente que o exame domina [...] a vida universitária, isto é, não apenas as representações e práticas dos agentes, mas também a organização e o funcionamento da instituição. [...] De fato, o exame não é somente a expressão mais legível dos valores e das escolhas implícitas do sistema de ensino: na medida que ele impõe como digna da sanção universitária uma definição social do conhecimento e a maneira de manifestá-lo, oferece um de seus instrumentos mais eficazes ao empreendimento de inculcação da cultura dominante e do valor dessa cultura. Tanto quanto, ou mais ainda do que pela coerção dos programas, a aquisição da cultura legítima e da relação legítima com a cultura é regulada pelo direito consuetudinário que se constitui na jurisprudência dos exames e que deve o essencial de suas características à situação na qual ele se formula. (BOURDIEU, P. PASSERON, J. 2012, p. 169-170).

O exame ao ser utilizado como um instrumento que seleciona e classifica, determina quais são os estudantes mais bem preparados e competentes, daqueles que não alcançam êxito, sendo considerados inferiores e por consequência excluídos. Bourdieu e Passeron evidenciam que o sistema de ensino ao utilizar o exame para essa finalidade efetiva a desigualdade, contribuindo diretamente a disseminação da cultura dominante, e excluindo os alunos por meio da seleção que já são eliminados antes mesmo de serem examinados.

De fato, para supor que as funções do exame não se reduzem aos serviços que ele presta à instituição e, menos ainda, às gratificações que ele ocasiona ao corpo universitário, é suficiente observar que a maioria daqueles que, em diferentes fases da vida escolar, são excluídos dos estudos se eliminam antes mesmo de serem examinados e que a proporção daqueles cuja eliminação é mascarada pela seleção abertamente operada difere segundo as classes sociais. As desigualdades entre as classes são incomparavelmente mais fortes, em todos os países, quando as medimos pelas probabilidades de passagem (calculadas a partir da proporção dos alunos que, em cada classe social, ascendem a um nível dado de ensino, com êxito anterior equivalente), do que quando as medimos pelas probabilidades de êxito. Assim, com êxito igual, os alunos originários das classes populares têm mais oportunidades de eliminar-se uma vez que tenham entrado e, a fortiori, do que serem eliminados pela sanção expressa de um revés no exame. (BOURDIEU, P. PASSERON, J. 2012, p. 186-187).

O sistema de ensino por meio do exame seleciona e classifica seus estudantes desde os primeiros anos na escola, onde os estudantes oriundos das classes populares são eliminados antes mesmo do exame ao não terem acesso aos processos. Nesse ponto, os autores utilizam dos termos de “probabilidade de êxito” e “probabilidade de passagem” para destacar o quanto o capital cultural interfere nas

possibilidades de cada indivíduo: a chances do êxito escolar e a chance de ingresso na universidade acabam por ser consideravelmente poucas. Os que conseguem entrar no ensino superior, acabam por reproduzir o que aprenderam no sistema social ao qual estavam inseridos.

Em decorrência a isso, os autores frisam que acaba ocorrendo uma diplomação sem que o indivíduo consiga fortalecer e responder às competências mínimas.

Mesmo quando não aparece como imposto pela força da “vocação” ou pela comprovação da inaptidão, todo o ato de escolha singular pelo qual um indivíduo se exclui do acesso a um ciclo de ensino ou se resigna a um tipo desvalorizado de estudos subentende o conjunto das relações objetivas (que preexistem a essa escola e sobreviverão à mesma) entre sua classe social e o sistema de ensino, pois um futuro escolar só é mais ou menos provável para um indivíduo determinado na medida em que constitui o futuro objetivo e coletivo de sua classe ou de sua categoria. Eis por que a estrutura das oportunidades objetivas da ascensão social em função da classe de origem e, mais precisamente, a estrutura das oportunidades de ascensão pela Escola, condiciona as disposições relativamente à Escola e a ascensão pela Escola, disposições que contribuem por sua vez de uma maneira determinante para definir as oportunidades de ascensão social. (BOURDIEU, P. PASSERON, J. 2012, p. 190).

Conforme Bourdieu e Passeron, a escola é observada como uma oportunidade e um meio de ascensão social. Entretanto, se percebe a substituição das desigualdades de acesso para as desigualdades de currículos, pois valoriza-se a instituição na qual se estudou, o curso realizado se é prestigiado socialmente ou não. A escola está atrelada ao poder simbólico e aos capitais de cursos e instituições que são hierarquizadas, conseqüentemente acaba sustentando-se a divisão e a reprodução de classe social.

Os autores ao considerarem que o sistema de ensino e o campo pedagógico estabelecem às classes populares o reconhecimento da cultura da classe dominante como única cultura legítima, acaba por reproduzir e legitimar a dominação exercida pelas classes dominantes, pois, nenhuma cultura deveria ser determinada como superior a outra, mas, a cultura escolar para ser legitimada acaba por ser apresentada como neutra, dessa maneira a autoridade da ação pedagógica é correspondida conforme sua eficácia de difundir-se como neutra e não arbitrária.

Através da concepção de arbitrário cultural, Bourdieu e Passeron ressaltam que o valor atribuído a cultura dominante é afirmado como única legítima. Trata-se de um arbitrário, pois não é fundado em uma verdade incontestável, entretanto mesmo a cultura escolar sendo arbitrária, é socialmente aceita e reconhecida como válida e legítima.

[...] as diferentes AP que se exercem numa formação social colaboram harmoniosamente para a reprodução de um capital cultural concebido como uma propriedade indivisa de toda uma “sociedade”. Na realidade, devido ao fato de que elas correspondem aos interesses materiais e simbólicos de grupos ou classes diferentemente situadas nas relações de força essa AP tendem sempre a reproduzir a estrutura da distribuição do capital cultural entre esses grupos ou classes, contribuindo do mesmo modo para a reprodução da estrutura social; com efeito, as leis do mercado em que se forma o valor econômico ou simbólico, isto é, o valor enquanto capital cultural, dos arbitrários culturais reproduzido pelas diferentes AP e, por esse meio, dos produtos dessas AP (indivíduos educados), constituem um dos mecanismos, mais ou menos determinantes segundo os tipos de formações sociais, pelos quais se encontra assegurada a reprodução social, definida como reprodução da estrutura das relações de força entre as classes. (BOURDIEU, P. PASSERON, J. 2012, p. 32).

Conforme os autores, essa mudança de um arbitrário cultural para uma cultura legítima pode ser entendido ao se levar em consideração a relação entre os diversos arbitrários que estão em disputa em uma sociedade, bem como as relações de força entre as suas classes sociais, pois a legitimação de um arbitrário cultural corresponde à força da classe social que o ampara, dessa maneira os valores arbitrários que se impõe como cultura legítima são os apoiados pela classe dominante e a cultura escolar que é legitimada socialmente é a cultura estabelecida como legítima das classes dominantes.

Enquanto imposição arbitrária de um arbitrário cultural que supõe a AuP, isto é, uma delegação de autoridade [...], a qual implica que a instância pedagógica reproduza os princípios do arbitrário cultural, imposto por um grupo ou uma classe como digno de ser reproduzido, tanto por sua existência quanto pelo fato de delegar a uma instância a autoridade indispensável para reproduzi-lo [...], a AP implica o trabalho pedagógico (TP) como trabalho de inculcação que deve durar o bastante para produzir uma formação durável; isto é, um *habitus* como produto da interiorização dos princípios de um arbitrário cultural capaz de perpetuar-se após a cessação da AP e por isso de perpetuar nas práticas os princípios do arbitrário interiorizado. (BOURDIEU, P. PASSERON, J. 2012, p. 53).

Nesse contexto, Bourdieu e Passeron trazem a autoridade pedagógica como a legitimidade da ação pedagógica e da instituição escolar enquanto apresentada como portadora de uma cultura neutra e, portanto, legitimada ao que confere suas ações, discursos e conteúdos, estando livre para exercer sua função de reprodutora e legitimadora das desigualdades sociais.

Os autores enfatizam que a comunicação pedagógica somente é assimilada e compreendida pelos estudantes que detêm uma bagagem cultural e portanto dominam os códigos necessários para entender essa comunicação, enquanto que os estudantes oriundos das classes populares são marginalizados e suas dificuldades

são atribuídas a falta de inteligência e falta de vontade, não percebendo a propriedade arbitrária e imposta da cultura escolar.

Para os autores, o poder simbólico exercido no ambiente escolar é um poder invisível, só podendo ser efetivado quando os agentes são cúmplices, não querendo perceber que são sujeitados a este. Assim, o poder que impõe significações, as impondo como legítimas disfarçando as relações de força que se encontram na base de sua força é uma violência simbólica⁸.

Todo poder de violência simbólica, isto é, todo poder que chega a impor significações e a impô-las como legítimas, dissimulando as relações de força que estão na base de sua força, acrescenta sua própria força, isto é, propriamente simbólica, a essas relações de força. (BOURDIEU, P. PASSERON, J. 2012, p. 25).

Consequentemente, a violência simbólica ocorre na escola através da ação pedagógica, pois conforme Bourdieu e Passeron (2012, p. 26), “toda a ação pedagógica é objetivamente uma violência simbólica enquanto imposição, por um poder arbitrário, de um arbitrário cultural.”

Ou seja, para os autores, todo o poder que impõe significações e as impõe como legítimas, encobrendo as relações de força que estão na base de sua força são consideradas violência simbólica, dessa maneira, a violência reproduzida na escola é uma violência simbólica retratada nas ações de seus agentes, pois nega-se a consciência e a autonomia dos indivíduos na relação pedagógica de forma que eles passam a reproduzir inconscientemente as ações estipuladas pelos grupos dominantes.

Nega-se a consciência e autonomia dos indivíduos nas relações pedagógicas, que assim passam a reproduzir inconscientemente as ações determinadas pelas classes dominantes. Bourdieu salienta que a maior consequência da violência simbólica efetuada pela escola as classes dominadas, é o reconhecimento da legitimidade e supremacia da cultura dominante.

Assim, dizer que os agentes reconhecem a legitimidade de uma instância pedagógica é dizer somente que faz parte da definição completa da relação de forças, na qual eles estão objetivamente colocados, impedi-los de apreensão do fundamento dessa relação. Desse modo, deles de obtêm práticas que objetivamente levam em vontade, mesmo quando são desmentidas pelas racionalizações do discurso ou pelas certezas da

⁸ Bourdieu e Passeron através do termo Violência Simbólica enfatiza a violência ocorrida na escola que é imperceptível aos indivíduos por ser uma forma de violência velada e sutil.

experiência, a necessidade das relações de força. (BOURDIEU, P. PASSERON, J. 2012, p. 35).

Os autores expõem que toda a ação pedagógica possui uma autoridade pedagógica que faz reconhecer e legitimar a passagem do conhecimento, e essa autoridade “[...] é automaticamente conferida a todo emissor pedagógico pela posição, garantida tradicionalmente ou institucionalmente, que ele ocupa numa relação de comunicação pedagógica.” (2012, p.42). Dessa maneira, os estudantes acabam por reconhecer o conhecimento transmitido e a autoridade dos professores como legítimo, interiorizando esse conhecimento.

A transmissão de um conhecimento é arbitrária, pois não faz sentido a uma grande parte dos alunos, cobra dos alunos, além do conteúdo, determinadas formas de se comportar, impõe regras e deveres com o intuito de garantir que o professor possa ensinar.

Na medida em que toda a AP em exercício dispõe logo de princípio de uma AuP, a relação de comunicação pedagógica na qual se realiza a AP tende a produzir a legitimidade do que ela transmite designando o que é transmitido, só pelo fato de transmiti-lo legitimamente, como digno de ser transmitido, por oposição a tudo o que ela não transmite. (BOURDIEU, P. PASSERON, J. 2012, p. 44).

Dessa forma, conforme Bourdieu e Passeron, a violência simbólica é o poder que impõe determinadas significações as fundamentando como legítimas, utilizando como base as relações de força, e o sistema de ensino ao impor um arbitrário cultural constitui uma violência simbólica contra as classes populares, onde a escola acaba por reproduzir e legitimar as desigualdades sociais.

Portanto, através do livro “A Reprodução”, Bourdieu e Passeron, buscaram evidenciar que o sistema de ensino e a escola é uma ferramenta para manter as normas vigentes estabelecidas pelos grupos dominantes, excluindo e reproduzindo as desigualdades sociais e neutralizando as diferenças, onde por meio da violência simbólica impõe arbitrariamente o sistema simbólico da cultura dominante.

No próximo capítulo é descrito o enredo do mangá Naruto, buscando ambientar o leitor a história, bem como expor o papel da escola ninja enquanto sua estrutura social.

3. NARUTO

Naruto é o nome de uma série de mangá escrito e ilustrado por Masashi Kishimoto, lançado em 1999 no Japão e adaptado para anime em 2002. No Brasil, o mangá e o anime Naruto foram lançados no ano de 2007, conquistando o gosto de crianças, jovens e adultos até a atualidade.

O mangá tem como personagem principal um jovem ninja que dá nome a série, Naruto Uzumaki, e conta sua história em busca do reconhecimento social, superação e que sonha tornar-se Hokage⁹, principal líder e ninja mais poderoso de sua vila.

A história se passa em Konohagakure que literalmente significa Vila Oculta da Folha, uma vila do País do Fogo. A narrativa começa a ser contada quando Naruto tem 12 anos de idade e apresenta o nascimento mítico do protagonista. Naruto nasce do ventre de sua mãe Kushina Uzumaki, uma jinchuriki (hospedeira) da raposa de nove caudas (Kurama). Durante o parto de Naruto, o selo que prendia a raposa em Kushina enfraqueceu, assim um ninja inimigo aproveitou-se desse momento para dominar o espírito da raposa e atacar a Vila da Folha. Dessa maneira, o pai de Naruto, Minato Namikaze, então Quarto Hokage, selou a raposa no corpo do filho recém-nascido para salvar a Vila, mas isso lhe custou sua vida e da esposa Kushina.

Em decorrência a essa situação, o órfão Naruto cresceu sozinho, sem o conhecimento a respeito da sua origem, dos seus pais ou do espírito da raposa que carrega dentro de si. Cresce sob a proteção do Terceiro Hokage, Iruzem Sarutobi, que estipulou uma lei a todos os moradores da Vila que nunca mencionassem sobre os pais de Naruto e muito menos que ele era o jinchuriki (hospedeiro) da raposa de nove caudas.

Nesse contexto, Naruto viveu estigmatizado pela sociedade de Konoha, os habitantes da vila o viam como um monstro. Como consequência cresceu isolado, não tendo amigos, pois os pais proibiam seus filhos e filhas de brincar e se relacionar com Naruto.

Na história do mangá, todas as crianças da Vila tinham acesso a Escola Ninja, onde entram com cerca de 5 anos de idade, e aprendem as matérias normais de uma

⁹ Hokage (火影; literalmente significa "Sombra do Fogo") é o líder de Konohagakure. São ninjas reconhecidos como os mais fortes na aldeia, bem como prestígio e renome desempenham grande papel para ser escolhido para a posição.

escola, como a matemática, letras, história e geografia, bem como técnicas ninjas¹⁰ com o intuito de posteriormente tornarem-se ninjas.

No decorrer da história do mangá, é mostrado que haviam muitas guerras nos tempos antigos, e a construção da escola na Vila da Folha, quando a Vila foi formada, foi pensada pelo fundador de Konoha, o primeiro Hokage, Senju Hashirama, com o objetivo de que todas as crianças pudessem estudar e aprender técnicas ninjas, não precisando participar e morrer em guerras.

Dessa maneira, todos tinham acesso à Escola, entretanto para se tornar ninja era preciso dominar as técnicas e passar por testes para poder ser intitulado como ninja, o foco da escola era formar ninjas por necessidade militar, visto que a principal fonte econômica da Vila é voltada para missões que são contratadas por outras vilas na busca do trabalho ninja de Konoha, desse modo a Vila se mantém vendendo esse trabalho, ao contrário de outras Vilas que tem como meio econômico a fabricação e venda de ferramentas ninjas, ervas, alimentos, etc.

Observa-se assim, que Konoha é uma sociedade militarizada, e a escola como único meio de formar ninjas, é central nesse mundo social. Além disso, há a importância e o prestígio do ser ninja que é passado desde a infância, por diversos fatores, desde ser a forma por qual se mantém a Vila, a importância dos clãs ninjas (famílias) da aldeia que transmitem as suas gerações técnicas e esses tem a obrigação de mantê-las. Assim, os ninjas são vistos pelos moradores com respeito pois são eles que mantêm a vila e os defendem de ataques inimigos e em tempos de guerras.

Nesse sentido, a escola é vista por todos como um espaço de valor, pois é somente através dela que é possível tornar-se e ser reconhecido como ninja.

A maioria das crianças que entram na escola, vem de famílias (clãs) importantes e prestigiadas de Konoha, famílias estas que passam de geração para geração técnicas ninjas exclusivas de seus clãs, e encaminham as crianças para a Escola Ninja com a intenção de receberem a continuação de seu treinamento e a

¹⁰ As Técnicas Ninjas assemelham-se as técnicas de um ninja em seu sentido histórico, bem como o termo ninja, visto que o autor baseou-se nos aspectos da cultura oriental para desenvolver a história do mangá, entretanto por se tratar de ficção, para além da base histórica, essas técnicas envolvem três habilidades empegadas no termo **Jutsu** (Literalmente significa habilidades/técnicas, e são as artes místicas que um ninja utiliza): Ninjutsu que literalmente significa “Técnicas Ninjas” e usa selos de mão (sequência de selos para executar técnicas como exalar fogo e andar sobre a água), Genjutsu literalmente significa “Técnicas ilusórias”, manipulando o cérebro da vítima e causam perturbação nos seus sentidos, Taijutsu literalmente significa “Técnicas Corporais” referindo-se a habilidades de artes marciais.

formação que os reconhecia, perante a comunidade da vila e os órgãos institucionais, enquanto ninjas.

Naruto por sua vez, não teve seus pais presentes durante seu crescimento, não aprendeu técnicas ninjas com sua família, e por ser tratado com desprezo pelos moradores de Konoha, era uma criança que fugia da escola, fazia travessuras, pichava o Monumento Hokage¹¹, na busca de chamar a atenção das pessoas.

Dessa maneira, a Escola Ninja encontra-se em um edifício com uma grande placa que contém o kanji para Fogo (火), localizado na base da Montanha Hokage, com salas grandes e altas. No local os alunos aprendem conhecimentos básicos de ciências, história, geografia, matemática, escrita e leitura, bem como as regras e técnicas ninjas e o manuseio de armas e ferramentas ninjas.

Para se formar na Escola como ninja é preciso passar por exames que podem ser tanto uma prova escrita como uma prova prática. Ao formar, os estudantes ganham uma Bandana¹² que simboliza sua aprovação, marcando simbolicamente que a partir desse momento são ninjas.

Como será visto a seguir, o processo de formação ninja passará por diferentes estágios na sua trajetória, obedecendo uma estrutura organizacional, isto posto, mesmo após formados na escola eles continuam vistos enquanto estudantes que necessitam ampliar seus aprendizados.

Após o ritual de provação, os estudantes então graduados dão sequência aos seus estudos divididos em grupos de três genins sob supervisão de um professor Jonin para instruí-los. Nesse momento da trajetória ninja, eles passam novamente por um teste conduzido pelo professor com o objetivo de avaliar se estes estudantes são capazes de cumprir as exigências que lhes serão postas como ninjas.

A estrutura organizacional de Konoha se constitui por sistemas de hierarquia, onde na extremidade dessa estrutura está o líder chamado como Hokage, que governa a vila junto ao conselho que é composto por shinobis¹³ anciãos da alta classe.

¹¹ O *Monumento Hokage*, é o monumento mais representativo de Konoha. É uma montanha onde são esculpidos na pedra os rostos de todos os Hokage. Foi imaginado por Hashirama Senju (Primeiro Hokage) como um símbolo de que os Hokage sempre zelarão pela aldeia.

¹² **Bandana** ou Protetor é uma faixa usada pelos ninjas produzida em tecido que pode ser de diversas cores com uma placa de metal onde é gravado o símbolo da Vila. Apesar de ser um protetor de testa pode ser usado em diversos estilos diferentes. Essa bandana é recebida quando um ninja se gradua na academia.

¹³ Os **Shinobi**, ou conhecidos como ninja na tradução em português, são a potência militar do universo de Naruto, alguns são de clãs ninja especializados, e realizam missões em troca de recompensas.

O sistema se organiza por meio de ranks, onde na base estão os estudantes da escola ninja, que são treinados e preparados para se tornarem ninjas, esses estudantes não fazem parte da força shinobi, pois estão em processo de aquisição de conhecimentos para futuramente se tornarem ninjas. Após os estudantes, há os Genin¹⁴, os estudantes da escola ninja ao se formarem na academia tornam-se Genin, um nível baixo entre os ninjas, formando um time de 3 integrantes junto a um professor, e começam a fazer parte da economia da aldeia onde são enviados para cumprir missões que não apresentem riscos.

Na sequência há os Chunin¹⁵, que são ninjas que atingem um nível de habilidades de liderança e são encarregados de liderar times em missões. Posteriormente vem os Jonin¹⁶, que são os ninjas mais experientes e com grandes habilidades individuais, servindo como capitães, e são enviados nas missões mais perigosas.

Dentro desse sistema organizacional ainda há os Anbu¹⁷, os ninjas que fazem parte dessa organização são escolhidos em função de suas habilidades diretamente pelos Hokage, estes ninjas usam máscaras para esconder sua identidade, trabalham em equipes que são formadas especificamente para cada missão.

Para além dessa estrutura, há também os times médicos que se assemelham aos médicos militares, que consiste em ninjas com habilidades de cura que dão suporte os shinobis feridos.

A seguir, é apresentado o organograma da estrutura da Vila na história do mangá Naruto:

¹⁴ **Genin** significa "baixo ninja", ou "Junior Ninja".

¹⁵ **Chunin** significa "Ninja Médio".

¹⁶ **Jonin** significa "Alto Ninja" ou "Ninja de Elite".

¹⁷ **AMBU** abreviação para Ansatsu Senjutsu Tokushu Butai que significa "Esquadrão Especial de Assassinato e Tática".



Organograma do rank do Sistema Organizacional de Konoha.

Nesse contexto, para poder ir avançado nesse rank é preciso passar por diversos exames e testes no decorrer da trajetória ninja, desenvolvendo e expandindo habilidades e técnicas para poder ser reconhecido seu progresso.

Na escola ninja, os professores são chamados de senseis¹⁸, e o principal é Iruka Umino, professor da turma de Naruto. Sua relação com Naruto é inicialmente de bastante cobrança, por ele sempre se meter em confusões e não presta atenção na aula. Iruka perdeu seus pais quando houve o ataque do espírito da raposa a vila e se culpa por atribuir o ocorrido a Naruto.

Assim sendo sempre aconselhado pelo Terceiro Hokage a ter paciência e não desistir de Naruto, tenta não tratar Naruto de forma hostil.

No desenvolver da história do mangá, ao descrever-se a trajetória educacional dos estudantes na escola ninja, a ênfase está contida na descrição dos ensinamentos ninjas e menos nos conhecimentos das disciplinas regulares (matemática, leitura, geografia etc.). Bem como, no mangá todo o processo de ação pedagógica fica concentrada no personagem do Professor Iruka Umino que ministra as aulas de técnicas ninjas na escola, demonstrando também que ninjas mais experientes

¹⁸ **Sensei** é uma palavra em japonês que é usada como título honroso para tratar com respeito um professor ou um mestre. A tradução literal da palavra é "aquele que nasceu antes".

apresentam palestras especiais sobre táticas e estratégias, e fortalecimento da mente e corpo para os alunos.

Além dos professores regulares da escola, são apresentados no mangá os , “professores de elite” que são designados a ensinar e treinar um aluno em específico, como aparece na história o professor Ebisu, que é especializado na formação privada da elite ninja, sendo ele professor de Konohamaru Sarutobi, neto do Terceiro Hokage.

Dentro desse contexto da história do mangá Naruto, observa-se a relevância da escola como único meio de acesso a se tornar e ser reconhecido como ninja, bem como seus professores que são respeitados por todos, e mantem um discurso sobre a importância de ser ninja e proteger a vila.

Por muitas vezes aparece nos episódios do mangá o Professor Iruka falando para os alunos sobre a “Vontade do Fogo”, bem como o Terceiro Hokage, onde a Vontade do Fogo, conforme a explicação de ambos, corresponde ao desejo e a importância de proteger a Vila e os moradores dela. Esse desejo move os ninjas a darem suas vidas pela proteção de todos.

Uma vez apresentada resumidamente o contexto da história do mangá Naruto, bem como o papel da escola enquanto uma instituição social de extrema importância dentro desse universo, o próximo capítulo abordará como será realizada a análise da pesquisa.

4. METODOLOGIA DE PESQUISA

Após apresentado o estudo da sociologia sobre as histórias em quadrinhos, a relevância dos estudos quanto aos mangás e a teoria sociológica de Pierre Bourdieu, seus principais conceitos e seus apontamento quanto o sistema de ensino, é preciso esclarecer e especificar a metodologia de pesquisa que foi utilizada no desenvolvimento do estudo.

O mangá Naruto foi escrito e ilustrado por Masashi Kishimoto, sendo publicado durante 15 anos (1994 a 2014), um dos maiores sucessos da editora japonesa Shonen Jump, com um total de 700 capítulos compilados em 72 volumes. O mangá é dividido em duas partes, a primeira conhecida no anime como “Naruto clássico” com os primeiros 244 capítulos, e a segunda parte do capítulo 245 ao 700, conhecida como “Naruto Shippuden”.

No Brasil, o mangá Naruto é publicado desde 2007 pela editora italiana Panini Comics, sendo vendido em bancas ou por assinatura. A primeira parte do mangá foi finalizada em julho de 2009 com 27 volumes, a segunda parte começou e ser vendida em agosto do mesmo ano.

As publicações primeiramente foram mensais, após passaram a ser quinzenais e semanais, na busca de acompanhar o desenvolvimento das publicações no Japão.

Dia 23 de março de 2017 foi a data de último capítulo do Mangá Naruto, marcando os 20 anos da série, totalizando 720 episódios de anime, 700 capítulos de mangá e 11 filmes. No ano de 2018 foi lançado o mangá e anime “Boruto” que conta a história do filho de Naruto.

Dessa maneira, a presente pesquisa esteve fundamentada em proporções qualitativas, utilizadas através da técnica de análise de discurso. Os dados foram coletados e analisados durante o mês de outubro e novembro de 2019, para o desenvolvimento de análise foram utilizados 20 capítulos da primeira parte do mangá¹⁹.

A opção de escolha por este recorte se justifica pela narrativa do mangá descrever nesta primeira parte o processo de socialização do personagem Naruto, na sua trajetória como ninja no início da sua formação, contextualizando seu ingresso na

¹⁹ Mangás esses que serão adquiridos por meio da internet, visto que há variados sites que disponibilizam todas as edições do mangá Naruto.

escola, primeiras fases das aulas, os primeiros testes para tornar-se ninja, e a continuação de seus estudos enquanto parte de um grupo liderado por um professor. Os demais capítulos já caracterizam uma outra fase da sua trajetória. Trazem Naruto já infundido no *habitus* do ninja, pois já passou pelos ritos de institucionalização marcando uma outra etapa da vida do protagonista, o que para fins do trabalho proposto não trazem elementos para a análise.

O objetivo da pesquisa foi identificar, por meio da análise de discurso, a teoria de Pierre Bourdieu no contexto da história desenvolvida em Naruto, buscando analisar os elementos que possibilitam verificar nesse universo um determinado campo que é dominado pelo *habitus* do guerreiro, onde o sistema de ensino representado pela escola ninja no mangá será o principal objeto de análise, buscando observar a escola enquanto espaço de socialização que produz um *habitus*.

Como evidência Marques (2011), as histórias em quadrinhos são produtos da imaginação dos indivíduos que vivem em determinado contexto histórico, e esses indivíduos carregam interesses, os expressam, reproduzem valores consciente ou inconscientemente, na ficção, e conseqüentemente, conforme Vianna (2008), analisar essas histórias possibilita compreender as mensagens manifestadas em suas produções e os valores que elas reproduzem e nessa perspectiva que a técnica escolhida foi a análise de discurso.

Como afirma Gil (2008), não há somente uma linha de análise de discurso, mas cerca de 57 variedades de análises de discurso que partem de diversificadas tradições teóricas.

Conforme Caregnato e Mutti (2006), o que os diferentes estilos de análise de discurso tem em comum é a rejeição da ideia realista de que a linguagem somente seria um meio neutro de descrever o mundo, concordando sobre a relevância central do discurso na construção da vida social.

As autoras também trazem que a análise de discurso não seria uma metodologia, mas uma disciplina que se fundou através da ligação de epistemologias diversas referentes as áreas da psicanálise, linguística e do materialismo histórico, onde da linguística empregou-se a noção da fala para o discurso, do materialismo histórico somou-se a teoria da ideologia e da psicanálise a ideia de inconsciente em que a análise de discurso aplica com o descentramento do sujeito.

Nesse sentido, a análise discursiva tem a intenção de indagar os sentidos que são estabelecidos nas diversas formas de produção, podendo ser verbais e não verbais, desde que sua materialidade produza sentidos que possam ser interpretados.

A linha que se pretende seguir, dentro de todas as possibilidades de análise de discurso, é a linha francesa, que conforme Caregnato e Mutti (2006), “articula o linguístico com o social e o histórico”, onde a linguagem é estudada para além da forma linguística, enquanto forma material da ideologia, assim como através do contato histórico com o linguístico se constitui a materialidade específica do discurso.

A AD trabalha com o sentido e não com o conteúdo do texto, um sentido que não é traduzido, mas produzido; pode-se afirmar que o corpus da AD é constituído pela seguinte formulação: ideologia + história + linguagem. A ideologia é entendida como o posicionamento do sujeito quando se filia a um discurso, sendo o processo de constituição do imaginário que está no inconsciente, ou seja, o sistema de idéias que constitui a representação; a história representa o contexto sócio histórico e a linguagem é a materialidade do texto gerando “pistas” do sentido que o sujeito pretende dar. (CAREGNATO, Rita C.A., MUTTI, Regina. 2006, p. 680-681).

Conforme as autoras, na análise de discurso a linguagem vai mais a diante do texto, “trazendo sentidos pré-constituídos que são ecos da memória do dizer”, entendendo como memória do dizer o interdiscurso, a memória coletiva formada socialmente, pois o sujeito tem a visão de ser o dono e ter controle de sua fala, entretanto não sente estar dentro de um sucessivo discurso, uma vez que todo o discurso já foi proferido antes.

De acordo com Giordani (2011), por um lado a linguagem pode ser compreendida pela sua função na sociedade por ser um meio de comunicação em que através dela mensagens e informações são construídas e repassadas, mas por outro lado, a linguagem pode ser entendida como a própria comunicação que é desenvolvida na sociedade, dessa maneira pode se perceber que a linguagem retrata a própria sociedade.

Bourdieu (1989) ressalta que a linguagem tem a eficiência simbólica de construir a realidade, pois estrutura a assimilação que os agentes sociais têm do mundo e como eles relacionam-se no mundo.

A percepção do mundo social é produto de uma dupla estruturação social: do lado “objectivo”, ela está socialmente estruturada porque as autoridades ligadas aos agentes ou às instituições não se oferecem á percepção de maneira independente, mas em combinações de probabilidade muito desigual [...]; do lado “subjectivo”, ela está estruturada porque os esquemas de percepção e de apreciação susceptíveis de serem utilizados no momento considerado, e sobretudo os que estão sedimentados na linguagem, são produtos das lutas simbólicas anteriores e exprimem, de forma mais ou

menos transformada, o estado das relações de força simbólicas. (BOURDIEU, P. 1989, p. 139-140).

Nessa perspectiva, a linguagem pode ser entendida como um sistema simbólico, constituindo a percepção do mundo social e visões de mundo, visto que o ato da fala só pode ser movimentado através da experiência pessoal e coletiva que impulsiona as disposições que são incorporadas pelo agentes no decorrer de sua trajetória social, ou seja o habitus.

[...] uma situação e um habitus – entendido como um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças as transferências analógicas de esquemas, que permitem resolver os problemas da mesma forma, e às correções incessantes dos resultados obtidos, dialeticamente produzidas por esses resultados. (BOURDIEU, P. 1989, p. 65).

Bourdieu define o conceito de habitus como o sistema de disposições, percepções, compreensão e ações, onde o habitus é estruturado por meio das posições de classe e condições sociais, e também estruturante por produzir práticas e percepção constituindo um estilo de vida que desponta as práticas sociais, e onde também a linguagem se manifesta como configuração de perceber e compreender o mundo. Através do habitus o agente social insere na interação social suas experiências incorporadas como disposições, onde o ato de fala é efeito da relação dialética.

Portanto, a linguagem deve ser vista não como uma troca de informações neutras entre emissor e receptor, ela também expressa a posição ocupada por quem fala e mostra as disputas ideológicas deferidas.

Bourdieu (1989), aponta que o poder das palavras se encontra na legitimidade que é verificada pelos indivíduos que falam e pelos que escutam, ou seja, o poder da palavra encontra-se no seu poder de incitar a autoridade de quem fala concentrando em um ato linguístico.

Para além, Bourdieu (1989) acentua que a linguagem é assimilada ao discurso e conseqüentemente é um mecanismo de poder simbólico de concepção da realidade e, portanto, de uma construção de visão de mundo.

[...] poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. [...] O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele

que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras. (BOURDIEU, P. 1989, p. 14-15).

O poder simbólico é o poder de utilizar as palavras, de fazer ver, crer e agir, bem como de confirmar ou mudar uma visão de mundo, e as lutas simbólicas representam as lutas pela recondução ou pela sua manutenção das posições do discurso nos mais variados âmbitos do mundo social.

Quanto ao conceito de campo, Bourdieu o define como um espaço estruturado de posições onde ocorre a luta pela manutenção ou pela conquista de determinadas colocações. Trata-se de um local de força e lutas para manter ou transformar as relações, onde se joga um jogo que tem suas próprias regras e hierarquias.

Nesse contexto, Bourdieu (1989, p. 69) fala: “[...] jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram [...]”. Portanto, no jogo abordado como jogo de linguagem, expõe a linguagem como um instrumento que se faz necessário na ação que é praticada pelos indivíduos que se constitui como instrumento de poder, visto que o sujeito que compreende o jogo de linguagem o permite que possa manipular as regras para dominar o jogo.

Assim sendo, Caregnato e Mutti (2006), salientam que a análise de discurso compreende que o sujeito não é um ser individual, sendo “assujeitado” inconscientemente ao coletivo, interiorizando o conhecimento que foi construído coletivamente e tornando-se porta voz e representante desse discurso.

Para além, as autoras ressaltam que a constituição discursiva se estabelece na relação entre o interdiscurso e o intradiscurso,

O interdiscurso significa os saberes constituídos na memória do dizer; sentidos do que é dizível e circula na sociedade; saberes que existem antes do sujeito; saberes pré-construídos constituídos pela construção coletiva. O intradiscurso é a materialidade (fala), ou seja, a formulação do texto; o fio do discurso; a linearização do discurso. (CAREGNATO, Rita C.A., MUTTI, Regina. 2006, p. 681).

Dessa maneira, a interpretação do discurso é realizada no nível simbólico para gerar sentido e significação, ou seja, sempre é preciso que ocorra uma interpretação para que ocorra perceptibilidade ao sentido que o sujeito teve a intenção de transmitir em seu discurso. Assim sendo, a análise de discurso lida não com o conteúdo, mas com o sentido, buscando os efeitos de sentido referentes ao discurso, procurando perceber os sentidos que o sujeito demonstra por meio de seu discurso.

Nessa lógica, como destaca as autoras, ao utilizar-se a análise de discurso é necessário realizar-se a leitura de um texto evidenciando a posição discursiva em que o sujeito se encontra, que é validada socialmente pela ligação da ideologia, da história e do social realizando sentidos.

Conforme Silva (2002), a análise de discurso busca mostrar as repercussões que causam as relações de poder que estão presentes no discurso, bem como na luta no e pelo poder, as proporções que asseguram sua reprodução, seus efeitos ideológicos nas sociedades e instituições e os sistemas de crença e conhecimento que legitimam as relações de poder.

Sendo assim, a análise de Discurso procura compreender e interpretar os significados socialmente produzidos do discurso, buscando responder como, em que condições, por quais razões os discursos são construídos, reproduzidos, contrariados e mudados.

Posto isto, tendo em vista o objetivo da pesquisa, será analisado os discursos proferidos na ação pedagógica dos professores, bem como nas diferenças de capital herdado presente nos alunos e na posição de poder da escola junto a Vila da Folha.

O capítulo seguinte será destinado a análise e interpretação dos capítulos selecionados do mangá Naruto, utilizando a teoria e conceitos de Pierre Bourdieu apresentados na obra “A Reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino”.

5. A ESCOLA NINJA DE NARUTO E A REPRODUÇÃO SOCIAL DE PIERRE BOURDIEU E JEAN-CLAUDE PASSERON

Verifica-se no contexto da história desenvolvida em Naruto, a trajetória do personagem principal, em sua inserção no campo dos ninjas, e seu desejo e busca para alcançar o prestígio social valorizado pelo agentes do campo, com o objetivo de tornar-se Hokage (principal líder de sua aldeia), em um percurso por acúmulo do maior volume possível de capital que o leve até seu objetivo.

Neste sentido, o enredo que se passa em Naruto traz elementos que possibilitam verificar em seu universo um determinado campo que é dominado pelo *habitus* do guerreiro, presente na forma de ser, perceber, pensar e agir dos seus personagens.

Nesse campo decorre a disputa pelo avanço nos ranks do sistema organizacional dos ninjas, o domínio do maior número de técnicas e habilidades, para avançar no sistema de hierarquias e disputar o posto de Hokage, e ter o reconhecimento de suas aptidões pelos demais ninjas e pelos moradores da Vila.

Ao mesmo tempo há a presença dos indivíduos que possuem seus postos dentro dessa hierarquia e buscam manter suas posições e o prestígio por suas colocações, que podem ser percebidos como os dominantes dentro desse campo, que zelam pela manutenção dessa ordem.

Dentro desse contexto, observamos a escola e seus professores assumindo um discurso dominante que elabora a visão da importância dessa disputa, a aquisição da maior quantidade de técnicas que garantam a perpetuação da “Vontade do Fogo”, ou seja, dentro de um discurso que é reproduzido sobre defender a Vila e seus moradores, por trás há o objetivo de incitar o desejo de se tornar ninja para se manter o sistema que garante economicamente Konoha.

Neste viés, todos os moradores de Konoha veem a escola e seus professores como detentores do conhecimento, reconhecendo, validando e legitimando a cultura escolar e o discurso de seus professores, visto que o único meio possível para se tornar ninja é através do processo de escolarização.

Observa-se assim, a escola e seus professores com a competência de produzir uma visão de mundo que é aceita como real, o que acaba por classificar os agentes entre os que detêm a posse de técnicas e habilidades entre os dominados que reconhecem tais aptidões.

No decorrer da história, é mostrado a ação pedagógica de reprodução dos valores escolares exercida pelo professor Iruka em variadas passagens. Por exemplo, ao advertir Naruto por ter depredado o Monumento Hokage, Iruka questiona Naruto: “Por que você fez aquilo com o monumento? Você não sabe quem são os Hokage?” (KISHIMOTO, Masashi. 2007, Capítulo 1, p. 11), essa frase remete-se a uma ação pedagógica que usa de um discurso que sempre é proferido para manter o valor, prestígio e importância que o cargo do líder da Vila tem, e o quanto deve ser respeitado, o que vai estimulando e incorporando nas pessoas a devoção e o sonho por essa posição.

Neste viés, verifica-se as diferenças de conhecimento dos alunos na escola, aqueles alunos que chegam na escola com uma herança familiar de ser membro de uma família ninja as quais passam aos seus filhos técnicas e ensinamentos, a aqueles com pouca ou nenhuma herança familiar como Naruto que cresceu sem os pais.²⁰

Como ressalta Bourdieu (2012), cada indivíduo se particulariza por meio da sua bagagem socialmente herdada, e faz parte dessa bagagem o capital econômico enquanto propiciador de aquisição de bens e serviços, o capital social relativo as ligações sociais de influência que são conservadas pela família, e o capital cultural que é incorporado através da família e tem a maior interferência no destino escolar.

Nesse sentido, o capital cultural favorece o desempenho escolar ao facilitar a aprendizagem dos conteúdos pelos estudantes que trazem conhecimento e já dominam as técnicas visto que já carregam essa bagagem de suas famílias, ao contrário dos estudantes que não possuem essa bagagem e ao chegar à escola encontram-se distantes a eles.

A desigualdade da posse de capitais fundamenta como os diversos agentes aprendem nos contextos escolares, logo os que não possuem bagagem herdada podem se acomodar ou serem excluídos do sistema, dessa maneira é possível compreender as desigualdades escolares entre os variados grupos sociais

²⁰ Há também no mangá, personagens como Sakura Haruno, seus pais não são ninjas, sua mãe trabalha em casa e seu pai é comerciante. Rock Lee que não consegue fazer ninjutsu ou genjutsu, utilizando apenas do taijutsu. E Maito Gai que é mestre em taijutsu, porém não pode utilizar ninjutsu ou genjutsu, seu pai também foi ninja, mas por não poder utilizar ninjutsu e genjutsu, e ser fraco no taijutsu, nunca conseguiu subir de posição dentro da classificação ninja, permanecendo como Genin até a sua morte.

Á vista disso, se constata a dificuldade que Naruto tem de aprender as técnicas ninjas, conteúdos e códigos escolares uma vez que não teve a presença de sua família para possibilitar compor aprendizagens e construir uma bagagem cultural.

Dessa maneira, como salienta Bourdieu (2012), os alunos não competem igualmente na escola, pois há indivíduos que trazem consigo incorporado, uma bagagem social e cultural que os coloca a frente dos outros estudantes que não possuem essa bagagem.

Assim, a escola se constitui como um espaço de reprodução social legitimando as desigualdades sociais, pois é na escola que a herança familiar se transforma em capital cultural, pois a transmissão dos conhecimentos se faz de forma desigual ao privilegiar-se os alunos que possuem legado familiar.

Na trama da história do mangá, observasse os denominados “professores de elite” que tem como função o ensino exclusivo para candidatos considerados possíveis aspirantes a Hokage, que é o caso de Ebisu, professor de elite de Konohamaru Sarutobi, neto do terceiro Hokage. No primeiro contato e aproximação de Naruto com Konohamaru, Ebisu declara a Naruto: “Eu sou um tutor de elite. Eu já treinei muitos futuros candidatos a Hokage. Eu vou me livrar de qualquer vírus que infecte meus alunos.” (KISHIMOTO, Masashi. Capítulo 2, 2007, p. 20).

Por meio dessa fala, pode ser percebido a relevância do cargo de Hokage, o que leva a mobilização dos agentes no reconhecimento e na disputa por essa posição, bem como o privilégio que determinados indivíduos possuem por ter o capital econômico de contratar um professor específico para seu treinamento que possibilite maior obtenção de outros capitais, como o capital cultural e capital simbólico, na disputa por esse posicionamento, bem como, na luta pela manutenção da ordem dominante vigente, visto que se espera que o neto de quem já detêm a posição de dominante, de continuidade a esse legado.

Para além disso, nas palavras de Konohamaru quando questionado por Naruto sobre o porquê ficava tentando atacar seu Vô, o chamando a disputar o posto de Hokage, Konohamaru explica:

Meu avô me deu o nome Konohamau. Meu nome veio da Vila. Mas, apesar de todos estarem acostumados com esse nome aqui... quando alguém me olha, ou chama...tudo o que eles veem é o neto do Hokage. Ninguém me vê como eu sou. E por isso que eu quero o título de Hokage agora.” (KISHIMOTO, Masashi. Capítulo 2, 2007, p. 21).

Suas palavras ressaltam o reconhecimento proferido pelos dominados aos dominantes que detêm a posse do prestígio social, dispõe de maior capital, e detêm poder, na medida em que reconhecem Konohamaru como neto do Terceiro Hokage e conseqüentemente o herdeiro de sua posição. Dessa maneira, observa-se que os alunos na escola ninja não são indivíduos que competem igualmente, mas são agentes que trazem incorporados uma bagagem cultural e social desigual que é mais ou menos satisfatória no mercado escolar.

E isso também é possível constatar no decorrer das aulas da escola ninja, quando é mostradas atividades como arremesso de kunai e Shuriken²¹, ou lutas corporais. Nestes eventos sempre é mostrado Naruto competindo com seu antagonista Sasuke Uchiha.

Sasuke também perdeu seus pais, onde seu irmão exterminou todo seu clã, entretanto Sasuke cresceu até certa idade com a presença da família, aprendendo variadas técnicas e destacando-se como o melhor aluno da classe.

A diferença entre os dois personagens quanto as técnicas e comportamento é visível, Naruto não é bom no arremesso, perde sempre as lutas para o adversário, tem grandes dificuldades na aprendizagem e no comportamento exigido, enquanto Sasuke se destaca em todas as tarefas escolares, pela razão que Sasuke já dispõe de um saber incorporado ensinado pela sua família.

Essas diferenças entre os personagens do mangá Naruto e Sasuke, remete a perceber o capital cultural e o domínio dos conhecimentos considerados legítimos como aprendizados que facilitam o processo escolar, no parâmetro que serve como uma ponte entre a família e a escola.

O que leva a identificar que o grau diversificado de sucesso obtido pelos estudantes no decorrer dos seus percursos escolares não pode ser explicado pelos seus dons pessoais, mas por sua origem social, que os coloca em condições mais ou menos vantajosas a frente das exigências escolares.

Por diversas vezes é mostrado Naruto declarando que não “entende dessas coisas”, ainda mais quando é referido a alguma aprendizagem teórica da escola, o que nos leva a perceber que a escola não é uma instituição imparcial, pois cobra de seus estudantes as posturas, valores, gostos dos grupos dominantes, produzindo

²¹ Kunai e Churiken são ferramentas ninjas.

determinada fala que somente é compreensível a uma parte dos alunos, ao passo que a outra parte fica marginalizada em relação a essa fala.

Os professores acabam por converter os recursos culturais que são acumulados pelos alunos das classes dominantes em conteúdos escolares, os favorecendo na competição escolar, utilizando-se de um discurso que só é compreendido pelos alunos que possuem conhecimento anterior.

Para além do capital cultural viabilizar o êxito escolar, conforme Bourdieu (2012), possibilita maior resultado nos métodos avaliativos escolares, pois a avaliação escolar não apenas verifica a aprendizagem, mas avalia moralmente e culturalmente os estudantes, pois cobra desses estudantes que eles tenham determinada postura, modo de falar, escrever e se comportar, entretanto estas condições só podem ser compreendidas em sua totalidade pelos estudantes que já foram socializados perante esses mesmos valores em suas famílias.

E isso se percebe no enredo da história, porque Naruto não tem o comportamento que é cobrado pelos professores, que exigem concentração, serenidade, racionalidade, responsabilidade, e disciplina, o personagem é emocional, travesso, desorganizado e impulsivo.

Bourdieu (2012), caracteriza o exame como um instrumento de classificação e de seleção, onde a escola por meio do exame seleciona tecnicamente os mais habilidosos os classificando desde seus primeiros anos de vida escolar, enquanto os estudantes das classes populares são eliminados antes mesmo de serem avaliados por não atingirem os possíveis processos.

Naruto reprovou em três²² exames de graduação da escola ninja, no terceiro exame, a prova consistia em fazer o “Bunshin no Jutsu”²³, ao ser anunciado pelo Professor qual era a habilidade a ser demonstrada para o exame de graduação, Naruto pensa: “Droga!!! Justo essa?!! Esta é a minha pior técnica.” (KISHIMOTO, Masashi. Capítulo 1, 2007, p. 20).

Os alunos eram chamados por ordem de chamada a uma sala de aula ao lado para mostrar a técnica para os professores que avaliavam, Naruto não conseguiu desenvolver com perfeição seu clone, sendo reprovado pelo Professor Iruka, nisso outro Professor chamado Mizuki fala: “Esta é a terceira vez dele, e ele criou um clone... mais do que isso, eu não acho que ele consiga... Nós poderíamos deixar ele passar”,

²² Os outros dois exames não são mostrados na história, somente o terceiro exame.

²³ Bushin no Jutsu: Habilidade de clonar-se.

ao que o Professor Iruka responde: “Não, Mizuki-Sensei... Todos os outros se dividiram em três. Mas, Naruto só criou um clone, e mau, eu não posso deixar ele passar.” (KISHIMOTO, Masashi. Capítulo 1, 2007, p. 21).

Como Bourdieu (2012) mostra, o exame é utilizado como instrumento que seleciona e classifica, posicionando os estudantes que tecnicamente são mais capacitados com o status de competentes e preparados, enquanto os estudantes que não alcançam o êxito esperado, são conceituados como inferiores, sendo excluídos de um sistema que preza por resultados, metas e eficiência.

Consequentemente a isso, Bourdieu (2012), vai ressaltar que a escola procedendo dessa forma, constitui a desigualdade, pois os alunos procedem de variados lugares possuindo capital cultural diferenciados entre si, e ao padronizar-se e selecionar por meio dos exames propende a limitar os conhecimentos obtidos, valorizando apenas o bem cultural dominante, e inferiorizando muitos dos seus alunos.

É possível perceber que mesmo o Professor Iruka demonstrando ter afeição e preocupação por Naruto, em nenhum momento deixa de cumprir sua função como educador, efetivando as regras e impondo aos seus alunos o currículo, a cultura, e o comportamento da classe dominante. Bourdieu (2012), salienta que a cultura transmitida pela escola não seria decisivamente superior a nenhuma outra cultura, o valor que é atribuído a cultura escolar é arbitrário, entretanto a cultura escolar é aceita como cultura legítima e única válida, socialmente legitimada e imposta como legítima pelas classes dominantes.

Bourdieu (2012), aponta a autoridade pedagógica como legitimadora da instituição escolar e da ação pedagógica, que é declarada como portadora de uma cultura neutra e assim legitima seus conteúdos, discursos e ações livremente, desempenhando seu papel de reprodutora e legitimadora das desigualdades sociais.

Conforme Bourdieu (2012), a comunicação pedagógica ao ser compreensível somente pelos alunos que possuem bagagem cultural que os permite dominar os códigos essenciais da comunicação. Ao passo que os estudantes das classes populares são excluídos, atribuindo suas dificuldades a falta de esforço e ignorância, acaba por proporcionar uma violência velada e sutil, uma violência simbólica que não é percebida pelos indivíduos, onde a classe dominada passa a reconhecer a legitimidade e a soberania da cultura dominante.

Naruto sempre é desacreditado por todos durante o seu processo escolar, tanto colegas como professores, por não ter o comportamento e aptidões exigidas como fundamentais para se tornar um ninja. Mesmo assim, Naruto consegue ser aprovado e torna-se Genin, o que pode ser remetido aos termos de “probabilidade de êxito” e “probabilidade de passagem” utilizados por Bourdieu (2012), para evidenciar o capital cultural enquanto intermediador na viabilidade de êxito escolar e nas chances de ingressar no ensino superior.

Por meio dos termos “probabilidade de passagem” e “probabilidade de êxito”, Bourdieu (2012), vai ressaltar sobre o quanto as diferenças culturais podem influenciar nas oportunidades e futuro de cada indivíduo, e os alunos que não possuem bagagem cultural, suas chances são desiguais de obter êxito escolar, e ainda mais de ingressar no ensino superior e os que conseguem tendem a reproduzir o que aprenderam no sistema social no qual estavam introduzidos, provocando em uma diplomação sem que o aluno atinja as competências mínimas de aprendizagem.

Pois, para Bourdieu (2012), para os agentes a escola é vista como uma oportunidade de ascensão social, mas diplomar não significa habilitar, ocorrendo assim a transferência de desigualdade de acesso pela desigualdade de currículo, afirmando a divisão de classe social e a reprodução.

E isso é perceptível após Naruto graduar-se e fazer parte de um time, ele continua com o mesmo comportamento impulsivo e com grandes dificuldades de acompanhar seus colegas e compreender os ensinamentos e ordens do seu professor. Assim sendo, Naruto foi dividido junto com outros dois Genin para fazer parte de um time²⁴ atribuído a um Professor Jounin.

O Professor Iruka ao delegar a divisão dos times aos estudantes, foi questionado por Naruto o porquê de ele ter ficado no mesmo time que Sasuke, e o Professor explicou: “Nós fazemos isso para equilibrar os times, entendeu? As notas do Sasuke foram as melhores entre os 27 graduados... Naruto... Você foi o último dos últimos...” (KISHIMOTO, Masashi. Capítulo 3, 2007, p. 95).

Percebe-se assim, que para equilíbrio dos times é contraposto as notas e habilidades de cada indivíduo, no time de Naruto ele apresenta as piores notas,

²⁴ Fazendo parte do Time 7, junto com Sakura Haruno, Sasuke Uchiha e como professor encarregado Kakashi Hatake.

enquanto Sasuke é o aluno número um entre todos os graduados na escola, já Sakura é uma aluna mediana.

Como mencionado antes, os pais de Sakura não são ninjas, o que é possível compreender conforme demonstra na história, que ela tem facilidade na parte teórica das disciplinas da escola, em contrapartida é uma aluna razoável nas técnicas ninjas, sendo possível perceber o tipo de capital que os pais de Sakura tiveram possibilidade de lhe transmitir.

Os pais de Sakura reconhecem a cultura legítima e esforçam-se para adquiri-la, investindo na escolarização da filha, pois contam com que ela alcance o sucesso escolar. Isto é, a família, mesmo não sendo de ninjas, busca criar condições favoráveis almejando a ascensão social da filha.

Já divididos em times de três integrantes sob responsabilidade de um professor, eles passam novamente por um exame para testar suas capacidades, o exame do time de Naruto é chamado pelo seu professor de “Treinamento de sobrevivência”, onde Kakashi explica: “Dos 27 graduados, somente 9 genins serão escolhidos. O resto vai voltar para a academia²⁵. Esse treinamento é um exame de alto nível, com o nível de reprovação acima de 66%!!” (KISHIMOTO, Masashi. Capítulo 4, 2007, p. 119).

Ainda questionado por Naruto do porquê ser avaliado novamente já que se esforçaram tanto para estar ali, Kakashi responde: “Ah... A graduação? É só para selecionar aqueles que tem a possibilidade de se tornarem genins.” (Idem.).

Tanto na forma de seleção para equilibrar os times como na explicação do professor sobre o objetivo da graduação, é possível perceber o exame como mecanismo para selecionar e classificar, estabelecendo quais são os estudantes mais habilidosos e qualificados dos que não conseguem alcançar o resultado esperado e são caracterizados indignos e inferiores.

No momento do segundo exame, o professor explica as regras da prova onde é preciso atacá-lo e pegar dele um guizo até o meio dia, no caso são três estudantes e apenas dois guizos, conseqüentemente ele declara que um deles não irá conseguir e será amarrado a um tronco ficando sem almoço.

Nesse momento Naruto relembra a armadilha que fez ao professor no dia que o conheceram e que ele caiu e declara que ele é tão lento por não conseguir desviar

²⁵ No mangá, a escola é referenciada como academia, entretanto optou-se pela utilização do termo escola ao invés de academia pensando-se no critério de facilitar a compreensão do leitor.

de um apagador que seria certo que eles o derrotariam, nisso Kakashi declara: “No mundo real, os sem talento são os que normalmente latem mais alto. Bem, ignorem o Srº último dos últimos e comecem quando eu disser.” (KISHIMOTO, Masashi. Capítulo 5, 2007, p. 124).

As palavras ditas pelo professor podem ser referidas à observação de Bourdieu (2012), quanto as diferenças nos resultados escolares dos estudantes, que voltam-se a ser designadas como diferenças de capacidade, como dons desproporcionais, consistindo na ideologia da competência, do mérito pessoal, a qual o sujeito efetuando esforço pessoal e dedicando-se aos estudos irá atingir competência necessária para ser bem sucedido, ou da ideologia do dom em que atribui a capacidade intelectual a um atributo de nascimento e não pelo esforço pessoal.

Conforme Bourdieu (2012), a ideologia do dom e a ideologia do mérito pessoal são usadas como meios que os professores podem valer-se em sala de aula, afim de reivindicar a igualdade formal das oportunidades, justificando o insucesso escolar pela falta de vontade e dedicação ou porque não possui talento, dom, logo a escola cumpre sua função de reprodutora e legitimadora das desigualdades sociais.

Neste sentido, Bourdieu (2012), irá ressaltar que a legitimação exercida pela escola tem duas faces. Primeiramente acometo os filhos das classes dominantes por terem obtido uma herança cultural, mas não conseguem identificar-se enquanto herdeiros, pois suas habilidades lhes parecem ser naturais. Na segunda face, a legitimação sofrida pelas classes populares que conferem seu fracasso escolar a falta de vontade ou a ignorância individual e não estrutural.

Nesse viés, Bourdieu (2012), considera que a comunicação pedagógica demanda de um domínio preexistente, de habilidades e referências para compreendê-la totalmente, mas somente os alunos oriundos das classes dominantes detêm essas atribuições, porém, os professores ao transmitirem seus discursos o fazem como se a mensagem conferida possa ser assimilada igualmente por todos os estudantes, contribuindo para a reprodução e legitimação das desigualdades sociais.

Dessa maneira, conforme Bourdieu (2012), a cultura dominante reconhecida pela escola é utilizada como processo de avaliação e hierarquização dos estudantes, ao mesmo tempo que isso é negado, e exibido que esses estudantes são avaliados somente por suas habilidades naturais. Em detrimento a isso, é possível analisar que durante o segundo exame, em que foi estipulado pelo professor que tinha sobre sua posse dois guizos e o aluno que não conseguisse retirar dele até o meio dia ficaria

amarrado a uma árvore e se almoço, o único que se destaca entre os três alunos é Sasuke. O Professor banaliza as possibilidades de Naruto conseguir o atacar, ao contrário do momento que luta contra Sasuke. Como resultado que comprova essa “naturalização” das diferenças, Naruto acaba sendo quem fica amarrado no tronco e sem almoço.

Em uma conversa do professor Iruka com o Terceiro Hokage, Iruka descobre que até o momento o professor Kakashi nunca aprovou sequer um aluno, todos haviam falhado em seus testes.

Entretanto, Naruto, Sasuke e Sakura conseguem ser aprovados no exame, após o Professor perceber que eles poderiam vir a trabalhar em equipe, pois para Kakashi era preciso saber utilizar de suas habilidades individuais para o bem do grupo, pois esse era o intuito da divisão em trios, aprender a trabalhar em equipe, pois uma decisão tomada errada poderia custar a vida de um companheiro.

Por seguinte, o Time de Naruto começa a fazer parte do sistema econômico de Konoha, que recebe diariamente pedidos de serviços que vão desde a captura de animais domésticos perdidos até assassinatos, esses pedidos são divididos conforme seu grau de dificuldade, bem como os ninjas são divididos com base nas suas habilidades, assim, essas missões são distribuídas aos ninjas de acordo com seus níveis de habilidade, conforme as missões são completadas com sucesso é recebido o pagamento do cliente.

Na primeira missão de nível mais difícil²⁶ do Time de Naruto, contratada pelo construtor de pontes Tazuna, ele reclama sobre o nível de ninjas que foram atribuídos a fazer sua escolta, devido a serem crianças, e Naruto declara: “Meu nome é Uzumaki Naruto, lembre-se disso!! Um dia eu levarei o super Título de Hokage, concedido apenas à elite dos ninjas! E Tazuna lhe responde: “Hokage é o ninja número um da Vila, certo? Duvido muito que alguém como você possa...” (KISHIMOTO, Masashi. Capítulo 9, 2007, p. 39).

Através dessa discussão, observa-se o reconhecimento da classe dominada à classe dominante, vista como uma elite que detêm os capitais necessários para disputar a liderança do campo, bem como, não ser identificado em Naruto as competências, aptidões e capitais necessários que o possibilitem disputar esse posto.

²⁶ A missão contratada foi especificada como escolta de um construtor de pontes chamado Tazuna, entretanto o construtor não falou que estava sendo perseguido por ninjas, pois não tinha dinheiro suficiente para pagar por um trabalho de escolta de nível superior.

Nessa primeira missão, o grupo é atacado de surpresa e Naruto não consegue ter reação alguma para proteger-se e proteger seus companheiros, enquanto Sasuke e Sakura conseguem colocar seus ensinamentos em prática, sendo que Sasuke se destaca. O Professor então fala para Naruto: “Naruto, desculpa por não ter salvo você antes, eu fui ferido. Mas também não imaginei que você fosse congelar daquele jeito. Enfim, bom trabalho Sasuke! Sakura também!” (KISHIMOTO, Masashi. Capítulo 09, 2007, p. 59). Naruto então reflete: “Eu não pude fazer nada..., mas ele (Sasuke)... Foi a sua primeira batalha de verdade. Será que ele não teve medo algum? Pra ele parece que nada de mais aconteceu. E ele não tem nem ao menos uma sujeirinha na roupa.” (Idem.). Naruto chega a questionar-se: “Por que a diferença é tão grande? Por que eu sou sempre... droga!!” (KISHIMOTO, Masashi. Capítulo 10, 2007, p. 64).

O que pode ser percebido é que Sasuke possui capital cultural que beneficiou sua aprendizagem e os resultados esperados ao pôr em prática a sua formação, ao contrário de Naruto, que ao não possuir capital cultural, não possui essa bagagem socialmente herdada, o coloca em condições desfavoráveis frente as exigências da competição escolar. Naruto, assim não demonstra ter adquirido as competências que aprendeu no sistema social ao qual está inserido, levando-o a uma diplomação sem alcançado as competências mínimas de aprendizagem.

Para além, as missões vão se sucedendo ao longo da trajetória do time do Naruto. Em dado momento da trama, é anunciado pelo Terceiro Hokage o Exame de Seleção Chunin²⁷, onde os Professores podem indicar seus times de alunos para prestar o exame após eles terem completado oito missões com sucesso, o Professor Kakashi indica seu time de alunos para servir o exame.

No primeiro dia do exame, eles devem ir à escola ninja entregar suas fichas de inscrição, Naruto e seus companheiros se encontram com o ninja de outro grupo, Rock Lee que chama Sasuke para lutar com ele e declara: “Eu quero lutar com você. Quero testar as minhas técnicas contra o descendente desse clã de ninjas gênios.” (KISHIMOTO, Masashi. Capítulo 37, 2007, p. 10).

Através de suas palavras é possível perceber o reconhecimento dos dominados aos dominantes, Sasuke que por origem social e familiar adquiriu uma bagagem cultural que propiciou no seu desempenho escolar ao passo de não ser visto como

²⁷ O Exame de Seleção Chunin é onde os melhores genins da Aldeia da Folha e outras Aldeias vizinhas se juntam para prestar um exame para selecionar ninjas para tornar-se Chunin, com o propósito de melhorar as relações entre os aliados e aumentar o nível ninja.

um herdeiro, mas como um “gênio”, remetendo a ideologia do dom, visto que o personagem Rock Lee não consegue fazer ninjutsu e nem genjutsu, contando apenas com as habilidades de taijutsu e acreditando na ideologia da competência, ou seja, no seu esforço pessoal.

Após a entrega da ficha de inscrição, o primeiro teste é anunciado, uma prova escrita, Naruto desespera-se em saber que é um teste escrito. O examinador explica as regras da prova, onde todos partem contendo dez pontos, porém perdem pontos se forem pegos colando ou errarem questões, se for apreendido colocando pela quarta vez são eliminados, se algum dos integrantes dos trios zerar a prova os três são banidos, a prova tem nove questões e a décima pergunta será anunciada faltando quinze minutos para o final do teste.

É mostrado no mangá, que eles precisam através de suas habilidades de espionagem e colher informações, buscar as respostas (colar) sem serem pegos. Naruto não entende o verdadeiro objetivo da prova, conseguir colher informações sem ser pego, ao contrário de seus colegas de equipe que conseguem perceber o intuito por trás das explicações.

O que pode ser compreendido pela adaptação do discurso escolar dirigido e compreensível a uma parcela de seus estudantes, enquanto os outros alunos ficam excluídos, onde o domínio dos códigos é “naturalizado” pelos estudantes que possuem herança familiar. Dessa maneira, as regras por detrás das regras denuncia que a posse de uma competência linguística não ocorre só pelo domínio do termos da sentença, isto é, “não deve colar”, mas há nisso, o seu contrário, só compreendido por quem tem as regras naturalizadas e não um novo convertido, como Naruto que se fixa somente no texto escrito.

Ao ler a primeira questão da prova, Sakura pensa: “Essa é uma questão muito complicada que requer muita leitura de livros, experiência e esperteza... Não tem como o Naruto conseguir responder isso. E aqui quase todo mundo não seria capaz de... Eu acho que consigo...” (KISHIMOTO, Masashi. Capítulo 41, 2007, p. 88).

Como já mencionado antes, Sakura tem facilidade com a parte teórica e conteúdos escolares, podendo ser analisado que sua família ao reconhecer a cultura dominante, pode investir em determinados capitais que auxiliassem no seu desempenho escolar.

A décima pergunta é anunciada e trata-se de optar por desistir e fazer o exame novamente quando for ofertado e o trio é desclassificado, ou errar a décima questão

e o Time ser proibido de prestar o exame para sempre. Naruto pensa em seu lema “Eu sigo sempre a minhas palavras, esse é o meu jeito ninja” (KISHIMOTO, Masashi. Capítulo 43, 2007, p. 140), e opta por não desistir, mesmo estando com sua prova em branco.

O examinador então os parabeniza por passarem no teste, e explica que o propósito da prova era testar as habilidades para juntar informações individualmente, e que a última pergunta, a questão de escolha e decisão são capacidades necessárias para se tornar um capitão Chunin.

Logo após o segundo teste é anunciado, como examinadora a Professora Anko Mitarashi que comenta: “78?!!! Ibiki!!! Você reprovou 26 vezes!!! O teste foi fácil de mais dessa vez!!! [...] Eu vou no mínimo dividir isso pela metade no segundo teste.” (KISHIMOTO, Masashi. Capítulo 44, 2007, p. 158). O segundo teste consiste em sobrevivência por cinco dias em uma floresta, onde os times recebem um pergaminho com o símbolo do céu ou da terra, precisando encontrar a sede que está em determinado ponto da floresta, onde os instrutores os aguardam, e ao chegar ao local precisam estar portando o seu pergaminho, mais o pergaminho de outro time com o símbolo oposto ao seu, para poderem ser aprovados.

Dos 26 times que participaram da segunda prova, 13 conseguem chegar ao final, incluindo o Time de Naruto, que conseguiu contando com a ajuda de um ninja chamado Kabuto da Aldeia, que é um espião infiltrado com o propósito de Sasuke chegar até a final.

A vista dessas provas e da fala da professora Anko, é possível perceber a significância do exame como instrumento de classificar, selecionar e eliminar, utilizado como ferramenta de domínio, perdurando o estabelecimento de respostas e conhecimentos e limitando capacidades.

Como terceira etapa, o Terceiro Hokage explica os verdadeiros objetivos do Exame Chunin, para além de promover a amizade entre os países e para elevar o nível dos shinobi. O Exame seria uma substituição para as guerras entre os países aliados, que lutavam um contra outro para ver quem mandaria, para poder prevenir lutas sem necessidade, o palco escolhido para lutar é o Exame de Seleção de Chunins. Conforme as palavras do Hokage:

É um fato que este exame decide qual shinobi tem o que é preciso para se tornar chunin, mas na outra mão, este exame tem um outro lado... onde os shinobis de cada país arriscam suas vidas para proteger o prestígio de sua terra. Assistindo este exame vão estar líderes e pessoas influentes de vários países que são os clientes dos shinobis. E os líderes dos países também vão

estar aqui para assistirem cada uma de suas batalhas. Se a força de um país fica clara, aquele país vai receber mais clientes. E ao contrário, se parecer fraco, vai perder clientes. E isso vai indicar para os países inimigos que “nossa vila tem muito poder.” Então isso irá mandar uma mensagem política para os estrangeiros. A força do país é a força da Vila, A força da vila é a força shinobi. A verdadeira força de um shinobi nasce apenas através de batalhas onde arriscam a vida. Este exame é o lugar para ver a força de cada país e para mostrar a sua força. Isso apenas tem um significado porque suas vidas estão em risco. E é por isso que todos aqueles que vieram antes de vocês lutaram no exame shunin pelos seus sonhos que são sérios. [...] Perdendo a vida e estabelecendo aliança. Essa é a forma de amizade no mundo shinobi. [...] Isso não é apenas um teste... esta é uma batalha de risco de morte com os seus sonhos e o prestígio de sua Vila em jogo. (KISHIMOTO, Masashi. Capítulo 65, 2007, p. 35 - 40).

A fala do Terceiro Hokage leva a perceber o *habitus* do guerreiro sendo incorporado nos agente do campo por meio de um discurso dominante demonstrando seu poder simbólico que não é perceptível aos olhos dos agentes como um poder, construindo uma realidade que estabelece uma ordem de sentido do mundo social, buscando estruturar essa sociedade de acordo com a ideologia dominante.

Conforme Bourdieu (1989), os sistemas simbólicos exercem poder através de estruturas estruturantes estruturadas, e essas estruturas servem como instrumentos de dominação ao impor uma ideologia a classe dominada, onde a violência simbólica é exercida pelo poder simbólico.

Dessa forma, os sistemas simbólicos são usados como meios de dominação, onde a cultura dominante é naturalizada pelos dominados através do *habitus* ao incorporado através das estruturas sociais.

Dessa maneira, o ninja é produzido no interior de uma estrutura social no qual seus agentes incorporam esse *habitus* em suas práticas e corpos, tratando-se de uma estrutura social na qual incorporam certas práticas através da socialização.

A instituição social da escola representada no anime como a academia ninja, mostra a ação pedagógica empreendida pelos professores como reprodutora das relações de poder. À importância do ser ninja, toma-se um discurso dominante e perpetrado pela cultura dominante do *habitus* do guerreiro, sendo que a violência simbólica é imperceptível aos olhos dos agentes, pois conforme Bourdieu (1989), o indivíduo não percebe que está sendo dominado, pois o poder simbólico é um poder invisível, que somente é exercido com a colaboração daqueles que não querem saber que estão sujeitos ou mesmo que exercem esse poder, bem como a ideologia dominante é naturalizada e os dominados não conseguem perceber que são vítimas de uma violência simbólica.

Dessa forma, a escola constitui-se como um espaço de reprodução das estruturas sociais, que reproduz e reforça as desigualdades sociais, dominada pelo *habitus* do guerreiro e incorporando a estrutura social na forma de ser, perceber, pensar e agir dos seus alunos, de tal forma que eles a reproduzem inconscientemente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi desenvolvido com o intuito de analisar a escola ninja do mangá Naruto através da teoria da reprodução social de Pierre Bourdieu, representando um exercício sociológico, que permitiu usar de um objeto empírico para transformá-lo em um objeto de estudo sociológico.

A análise dos capítulos do mangá possibilitaram constatar componentes que permitiram confirmar o campo dominado pelo *habitus* do guerreiro incorporado em seus personagens, numa disputa para dominar o maior número de habilidades que possibilitem o avanço pelo sistema de hierarquias, postos e prestígio social, assim como o interesse dos dominantes que resistem para manter suas posições.

Neste viés, a escola é mostrada como uma instituição social neutra, entretanto a cultura escolar é a cultura da classe dominante transfigurada em cultura legítima. Dessa forma, quanto menor é a distância entre a cultura do estudante com a cultura ensinada na escola, maior será o seu sucesso, pois os alunos de origem das classes dominantes possuem uma bagagem cultural que permite um melhor aprendizado, visto que os aprendizados da escola são uma continuação de seus ensinamentos na família.

Do outro lado, os agentes da classe dominada, não possuem bagagem cultural, e ao chegarem na escola encontram-se distantes aos conteúdos, discursos e códigos escolares, determinando assim o seu fracasso ao longo do percurso escolar.

No enredo do mangá é percebido a diferença do sucesso escolar entre o personagem principal Naruto e seu antagonista Sasuke. Naruto, órfão, estigmatizado por todos os moradores da Vila, não possuindo uma bagagem herdada pela família, demonstra suas grandes dificuldades de aprendizado no seu percurso escolar, enquanto Sasuke ao ter herdado uma bagagem cultural de sua família, se destaca em todas as atividades escolares, e é considerado como um gênio, remetendo a ideologia do dom.

Através da ideologia do dom e a ideologia do mérito, a escola sustenta que as desigualdades do sucesso escolar decorrem da incapacidade de nascença, e de que todos tem acesso à educação, mas para ter êxito é preciso que se esforcem. Dessa maneira a escola passa a impressão que trata todos de forma igual, contudo nega

as diferenças de origem social e legitima as desigualdades escolares e sociais, fundando-se numa falsa neutralidade de ensino que resulta na exclusão das classes dominadas e reforça a legitimidade da classe dominante, legitimando assim a ordem social e transformando as desigualdades sociais em desigualdades de competência.

Quanto ao exame, usado como ferramenta de seleção, classificação e eliminação, impondo e padronizando a definição social do conhecimento, a escola avalia para além, o comportamento dos estudantes, o domínio de habilidades, disciplina, exigências essas que só podem ser plenamente entendidas pelos alunos que previamente já foram socializados em sua família nesses mesmos valores, dessa maneira, a escola seleciona tecnicamente os alunos mais competentes e elimina os que não alcançam os resultados esperados.

Observa-se isso nas três eliminações em exames de Naruto, nas suas dificuldades em alcançar os resultados esperados, e a forma como ele fica classificado desde os primeiros anos de sua vida escolar.

Atrelado a isso, observa-se o sistema escolar impondo e legitimando o arbitrário cultural dominante, decorrendo no reconhecimento pelas classes dominadas da cultura dominante como única válida e legítima, sendo submetidas a violência simbólica através da autoridade pedagógica que legitima a ação pedagógica e a instituição escolar apresentadas como emissárias de uma cultura neutra, entretanto suas ações, discursos e conteúdos exercem a reprodução e legitimação das desigualdades sociais.

A autoridade pedagógica é representada no mangá por meio dos professores Iruka e Kakashi, ao exercerem suas funções enquanto educadores, operando conforme as regras e instituindo o discurso, currículo e a cultura dominante aos seus alunos.

Isto posto, é possível para além, constatar a teoria da reprodução social de Pierre Bourdieu na história do mangá, ao pensar que mais à frente da fase de formação escolar de Naruto estipulada para a pesquisa, o personagem vai adquirindo capital necessário para seu desenvolvimento e conquistar seu objetivo, ao ter como professor Jiraya, um ninja lendário que teve como seu professor o Terceiro Hokage e foi professor do pai de Naruto, ou seja o Quarto Hokage.

Jiraya é padrinho de Naruto, e quando Naruto e Jiraya encontram-se ele passa a ensiná-lo, e isso pode ser pensando quanto ao capital social referente as redes de relações sociais que permitem ao agente acesso a recursos de membros de grupo ou

rede e a diversidades de recursos e potenciais dessa rede, possibilitando a agregação desses recursos em decorrência a essas ligações, e sendo um instrumento de acumulação do capital por auxiliar na acumulação de capital cultural.

Em decorrência a isso, Naruto vai conseguir conquistar o posto de Hokage, ao ser reconhecido que ele dispõe de capitais suficientes para tanto, entretanto por nunca ter deixado de ser genin, ele terá que se submeter a todo processo e etapas escolares para poder chegar a essa posição. Observamos assim, a relevância que a escola tem como espaço de valor, que somente por meio dessa instituição social é possível ter seu reconhecimento enquanto ninja.

Ao trazer esses elementos para as minhas considerações, é possível demonstrar que este trabalho não se esgota, e que os capítulos no decorrer da história do mangá permitem trazer mais evidências ainda que podem ser analisadas em trabalhos futuros.

Para além, através dessa pesquisa foi possível também perceber que os mangás e animes possibilitam interpretar através de suas imagens e textos verbais elementos ligados a um contexto histórico, cultural, comportamental e social, buscando-se referências e concepções culturais, de ações sociais, ideologias, filosofias e doutrinas, ou seja, os mangás e animes são possibilitadores de reflexões.

E o estudo dessas mídias possibilita que o conhecimento científico ultrapasse a barreira dos muros da academia e permita seu acesso e, sobretudo sua compreensão para a sociedade, ainda mais se tratando da teoria de Pierre Bourdieu, que muitas vezes é de difícil compreensão para nós enquanto acadêmicos, mas ao utilizar de seus conceitos para analisar o mangá Naruto poderá permitir que esse trabalho não fique entre meus pares acadêmicos, mas alcance o interesse de outras pessoas que talvez nunca teriam acesso a teoria de Bourdieu.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, F. M. de B.; ALVES, E. M.; CRUZ, M.P. **Algumas reflexões em torno dos conceitos de Campo e de Habitus na Obra de Pierre Bourdieu.** Revista Perspectivas da Ciência e Tecnologia, v. 1, jan-jun 2009.

BATISTELLA, Danielly. **Palavras e imagens:** A transposição do mangá para o anime no Brasil. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de pós-graduação em Letras. 2014.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som:** Um manual prático. Petrópolis, RJ. 10. Ed. Vozes, 2012.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A REPRODUÇÃO.** Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Tradução de Reynaldo Bairão. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2012.

_____. **Razões Práticas:** Sobre a teoria da ação. Tradução: Mariza Corrêa. Campinas – SP, Papyrus, 1996.

_____. **O poder Simbólico.** Tradução: Fernando Tomaz. Bestrand Brasil S. A., Rio de Janeiro, 1989.

_____. **Ofício de sociólogo:** metodologia da pesquisa na sociologia/ Pierre Bourdieu, Jean-Claude Chamboredon, Jean-Claude Passeron. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. 7. Ed., Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

_____. **Escritos de Educação.** Org. Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. 9.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

_____. **Os usos Sociais da Ciência:** Por uma sociologia clínica do campo científico. Tradução: Denice Barbara Catani. São Paulo, Editora UNESP, 2002.

_____. PASSERON, Jean-Claude. **Os herdeiros: os estudantes e a cultura.** Florianópolis, Editora UFSC, 2018.

_____. **Homo Academicus.** Florianópolis, Editora UFSC, 2017.

CANÁRIO, Tiago. **Mangás, animes, juventude e socialização:** um estudo sobre o Efeito de Terceira Pessoa. Liinc em Revista, v.8, n.2, setembro, 2012, Rio de Janeiro, p. 493-508.

CARAGNATO, Rita C.A.; MUTTI, Regina. **Pesquisa Qualitativa:** Análise de discurso *versus* Análise de conteúdo. Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2006 Out-Dez; 15(4).

CATANI, Afrânio M. **A Sociologia de Pierre Bourdieu (ou como um autor se torna indispensável ao no regime de leituras).** Educação & Sociedade, ano XXIII, nº 78, Abril/2002.

_____. **As possibilidades analíticas da noção de campo social.** Educ. Soc., Campinas, v. 32, n. 114, p. 189-202, jan.-mar. 2011.

CIRNE, Moacy. **Quadrinhos, memória e realidade textual.** NP 16 – História em Quadrinhos do XXVII Congresso da Intercom, 2004.

COELHO, Vagner L. **Mangás:** Potencialidade e possibilidades para o ensino de geografia no ensino fundamental. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-graduação em Educação. 2014.

CORCUFF, Philippe. **As novas Sociologias:** Construções da realidade social. Tradução: Viviane Ribeiro. São Paulo, EDUSC, 2001.

ECO, Humberto. **Apocalípticos e Integrados.** São Paulo, Rumo Gráfica Editora LDTA, Coleção debates, 1964.

FRANCO, Marcelo. **A invasão Nipônica**. Sociologia ciência & vida. Editora Escala. São Paulo, ano I, n. 12, 2007.

GARCIA, Thais S. **Sobre a fantasia e sociedade**: Análise das narrativas dos desenhos animados Naruto e Caverna do Dragão. Universidade Federal de Santa Maria. Ciências da Comunicação. 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. São Paulo, Editora Atlas, 2008.

GIORDANI, R. L. **As relações de poder exercidas através do discurso**. www.bocc.ubi.pt. 2011.

LONDERO, Rodolfo R. **Apocalípticos e integrados que leram o Pato Donald**: Álvaro de Moya e Moacy Cirne, os pioneiros da pesquisa em quadrinhos no Brasil. 9º Encontro Nacional de História da Mídia UFPO – Ouro Preto- Minas Gerais, 2013.

LONGO, Angela. **Otaku, Japonoido, Shinjinrui**: relação afetiva com a imagem e os universos ficcionais do anime. Culturas Midiáticas, Revista do Programa de Pós-graduação em comunicação da Universidade Federal da Paraíba. Ano XI, n.20 – jan-jun/2018.

LUYTEN, Sonia M. B. **Mangá e animê Ícones da Cultura Pop Japonesa**. Fundação Japão em São Paulo. 2014.

Moliné, A. O grande livro dos mangás. São Paulo: Ed. JBC, 2004.

MARQUES, Edmilson. Super-heróis: ficção e realidade in **Super-heróis, cultura e sociedade**: Aproximações multidisciplinares sobre o mundo dos quadrinhos. Organizadores Nildo Viana e Iuri Andréas Reblin. São Paulo, Ideias & Letras, 2011.

MORAES. Ulisses Q. **PIERRE BOURDIEU: CAMPO, HABITUS E CAPITAL SIMBÓLICO** Um método de análise para as políticas públicas para a música popular

e a produção musical em Curitiba (1971-1983). ANAIS V Fórum de pesquisa científica em arte, Escola de Música e Belas Artes do paraná. Curitiba, 2006-2007.

MONTEIRO, José M. 10 **Lições sobre Bourdieu**. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2018.

NARUTO SEMPOU: Leitor de mangás online. Disponível em: http://narutoforeveryone.xpg.com.br/mangas/Naruto_Classico. Acesso em: Outubro e Novembro de 2019.

NETO, Ary B. **Mangás e Animês: A cultura pop japonesa no Brasil**. Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. Minas Gerais, 2017.

NEVES, Leonardo A. **Os Mangás e a produção de marcas identitárias dos modos de ser jovem: um novo olhar para a relação entre mídia e educação**. Universidade do estado do rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação em Educação. 2007.

NÓBREGA, N. M., PROCÓPIO, P. P. **Mangá e Cultura Pop Japonesa no Brasil: Impactos dos Scanlators e Fansubs no Mercado Editorial do País**. XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação, UFRPE/FACIPE, Recife, 2017.

ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo, Ática, 1983.

PETERS, Gabriel. **A ciência como sublimação: o desafio da objetividade na sociologia reflexiva de Pierre Bourdieu**. Sociologias, Porto Alegre, ano 19 nº 45, mai/ago 2017, p. 314-347.

SANTONI, Pablo R. **Animês e Mangás: A identidade dos adolescentes**. Brasília, 2017.

SCARTEZINI, Natalia. Introdução ao método de Pierre Bourdieu. UNESP, São Paulo, 2011.

SILVA, André L. S. da. **O herói na forma e no conteúdo: análise Textual do Mangá Dragon Ball e Dragon Ball Z.** Universidade Federal da Bahia, Programa de pós-graduação em comunicação e cultura contemporâneas. Salvador, 2006.

SILVA, D. E. G. da. **Percursos teóricos e metodológicos em análise do discurso; uma pequena introdução.** In: Silva, D. E. G. da e Vieira, J. A. (Orgs.). Análise do discurso: percursos teóricos e metodológicos. Brasília: UnB. Oficina Editorial do Instituto de letras; Editora Plano, 2002.

SILVA, Priscila K. da. **Educação, cultura escolar e mediação: em estudo o animê Naruto.** Universidade Estadual de Maringá. 2012.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. **Pierre Bourdieu: a teoria na prática.** RAP, Rio de Janeiro, 40(1):27-55, Jan./Fev. 2006.

VASCONCELLOS, Pedro V. F. **Mangá-Dô, os caminhos das histórias em quadrinhos japonesas.** Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2006.

VASCONCELLOS, Maria D. **Pierre Bourdieu: A herança sociológica.** Educação & Sociedade, ano XXIII, nº 78, Abril/2002.

VALLE, Ione R. **Pierre Bourdieu: A pesquisa e o pesquisador.** In A Trama do Conhecimento: Teoria, Método e Escrita em Ciência e Pesquisa. Org. Lucídio Bianchetti e Paulo Meksenas. 2. Ed., São Paulo, Papirus, 2012.

VIANNA, Nildo.; REBLIN, Iuri A. **SUPER-HERÓIS, CULTURA E SOCIEDADE** Aproximações multidisciplinares sobre o mundo dos quadrinhos. São Paulo, Ideias e Letras, 2011.

VIANNA, Nildo. **O que os quadrinhos dizem?** Sociologia ciência & vida. Editora Escala. São Paulo, ano II, n. 18, 2008.

GLOSSÁRIO

- ANBU – “Ansatsu Senjutsu Tokushu Butai” = Esquadrão Especial de Assassinato e Tática.
- Bandana – Protetor usado pelos ninjas.
- Bunshin no jutsu – Técnica de clonar uma ou mais cópias de si mesmo.
- Chunin – Ninja Médio;
- Genin – Baixo ninja ou Junior Ninja.
- Genjutsu – Técnicas Ilusórias
- Hokage – Significa “Sombra do Fogo”. Nome atribuído ao Líder da Vila da Folha.
- Jinchuriki – Literalmente significa “Poder do Sacrifício Humano”, são seres humanos que têm bestas com caudas seladas dentro deles.
- Jutsu - Habilidades/Técnicas utilizadas pelos ninjas.
- Jonin – Alto Ninja ou Ninja de Elite.
- Konohagakure - Vila Oculta da Folha
- Kunai – Ferramenta ninja. Uma espécie de adaga.
- Kunoichi – Termo para designar ninjas mulheres.
- Kurama – Nome da besta de caudas selada em Naruto.
- Ninjutsu – Técnicas ninjas usando sequência de selos feitas com as mãos.
- Sensei – Palavra japonesa utilizada como título honroso para tratar com respeito um Professor ou Mestre. Tradução literal: “aquele que nasceu antes”.
- Shinobi – Literalmente significa ninja.
- Shuriken – Ferramenta ninja em formato de estrela.
- Taijutsu – Técnicas corporais.

APÊNDICE A – Quadro dos capítulos do mangá Naruto utilizados para a pesquisa

Número	Título	Autor	Ano Brasil
1	Uzumaki Naruto	Masashi Kishimoto	2007
2	Konohamaru	Masashi Kishimoto	2007
3	Uchiha Sasuke	Masashi Kishimoto	2007
4	Hatake Kakashi	Masashi Kishimoto	2007
5	O descuido é seu pior inimigo	Masashi Kishimoto	2007
6	Apenas o Sasuke-kun	Masashi Kishimoto	2007
7	A conclusão de Kakashi	Masashi Kishimoto	2007
8	Mesmo assim vocês falharam	Masashi Kishimoto	2007
9	O pior cliente possível	Masashi Kishimoto	2007
10	2 já foram	Masashi Kishimoto	2007
11	Desembarque	Masashi Kishimoto	2007
12	Está acabado	Masashi Kishimoto	2007
13	Eu sou um ninja	Masashi Kishimoto	2007
37	O pior parte para cima	Masashi Kishimoto	2007
38	Começa	Masashi Kishimoto	2007
40	O primeiro teste	Masashi Kishimoto	2007
41	O sussurro do dêmônio	Masashi Kishimoto	2007
42	A batalha de cada um	Masashi Kishimoto	2007
43	A décima questão	Masashi Kishimoto	2007
44	Habilidade testada	Masashi Kishimoto	2007
65	A mensagem do Hokage	Masashi Kishimoto	2007